



Título: Fábulas de Esopo

Tradução e adaptação: Carlos Pinheiro

Ilustrações: Steinhewl (1479), Osius (1574), Wenzel Hollar (séc. XVII), Francis Barlow (1687), JJ Grandville, (1838) Samuel Croxall (1863), Herrick (1865), Harrison Weir (1867), Grandville (1870), Randolph Caldecott (1883), Richard Heighway (1894) e Milo Winter (1919).

2.^a edição, junho de 2013

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons — Atribuição-Uso Não-Comercial-Proibição de realização de Obras Derivadas 3.0 Unported

Imagem da capa: *The fables of Æsop: with a life of the author; illustrated with one hundred and eleven engravings from original designs by Herrick, 1865.*

As 115 fábulas que compõem esta edição resultam da adaptação da obra *Fabulas de Esopo*, com aplicações moraes a cada fabula, nova edição revista e aumentada, 1848 (Fábulas I a XCII). Na adaptação procurou manter-se o estilo do autor, sobretudo na moral da história, embora com as necessárias adaptações ortográficas e sintáticas. As restantes fábulas são traduções de *Aesop for Children (translator not identified)*, *Illustrations by Milo Winter, 1919* (Fábulas XCII a CIX), *The fables of Æsop: with a life of the author; illustrated with one hundred and eleven engravings from original designs by Herrick, 1865* (Fábula CX) e de *Aesop's Fables, by George Fyler Townsend, with illustrations by Harrison Weir, 1867* (Fábulas CXI a CXV). O capítulo «A Vida de Esopo» é igualmente adaptado da obra *Fabulas de Esopo, com aplicações moraes a cada fabula*, nova edição revista e aumentada, 1848.

As mais de cem ilustrações que acompanham o texto foram retiradas de diferentes versões em língua inglesa das fábulas de Esopo e datam dos

séculos XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e início do século XX. Os respectivos créditos estão indicados no final.

ISBN: 978-989-8671-01-1



Para Sara e Fátima



Fábula I

O Galo e a Pérola

Andava um Galo a esgravatar no chão, para achar migalhas ou bichos que comer, quando encontrou uma pérola. Exclamou:

— Ah, se te achasse um joalheiro! A mim porém de que vales? Antes uma migalha ou alguns grãos de cevada.

Dito isto, foi-se embora em busca de alimento.

Moral da História

Os ignorantes, desprezando os ensinamentos proveitosos e a doutrina moral que sob das Fábulas se esconde, fazem o que fez este Galo; buscam coisas sem valor, cevada e migalhinhas.



Fábula II

O Lobo e o Cordeiro

Estava um Lobo a beber água num ribeiro, quando avistou um Cordeiro que também bebia da mesma água, um pouco mais abaixo. Mal viu o Cordeiro, o Lobo foi ter com ele de má cara, arreganhando os dentes.

— Como tens a ousadia de turvar a água onde eu estou a beber?

Respondeu o cordeiro humildemente:

— Eu estou a beber mais abaixo, por isso não te posso turvar a água.

— Ainda respondes, insolente! — retorquiu o lobo cada vez mais colérico. — Já há seis meses o teu pai me fez o mesmo.

Respondeu o Cordeiro:

— Nesse tempo, Senhor, ainda eu não era nascido, não tenho culpa.

— Sim, tens — replicou o Lobo —, que estragaste todo o pasto do meu campo.

— Mas isso não pode ser — disse o Cordeiro —, porque ainda não tenho dentes.

O Lobo, sem mais uma palavra, saltou sobre ele e logo o degolou e comeu.

Moral da História

Claramente se mostra nesta Fábula que nenhuma justiça nem razões valem ao inocente para o livrarem das mãos de um inimigo poderoso e desalmado. Há poucas cidades ou vilas onde não haja estes Lobos que, sem causa nem razão, matam o pobre e lhe chupam o sangue, apenas por ódio ou má inclinação.



Fábula III

O Lobo e as Ovelhas

Havia uma guerra entre os Lobos e as Ovelhas; estas, embora fossem mais fracas, como tinham a ajuda dos cães levavam sempre a melhor. Os Lobos então pediram paz, com a condição de que dariam de penhor os seus filhos, se as Ovelhas também lhes entregassem os cães.

As ovelhas aceitaram estas condições e foi feita a paz. Contudo, os filhos dos Lobos, quando se viram na casa das ovelhas, começaram a uivar muito alto. Acudiram logo os pais, a pensar que isso significava que a paz havia sido quebrada, e recomeçaram a guerra.

Bem quiseram defender-se as Ovelhas; mas como a sua principal força consistia nos cães, que havia entregado aos Lobos, foram facilmente vencidas por eles e acabaram degoladas.

Moral da História

Ensina esta Fábula que ninguém deve entregar as armas aos seus inimigos, antes tenha a paz por suspeitosa. Também nos avisa quanto ao perigo de meter em casa inimigos, ou filhos de inimigos, como fizeram as Ovelhas, que querendo estar mais seguras por terem os filhos dos Lobos em casa, foram eles a causa da sua destruição.



Fábula IV

O Rei dos Macacos e dois Homens

Dois companheiros que caminhavam juntos pela floresta, acabaram por se perder. Depois de andarem muito, chegaram à terra dos Macacos. Foram logo levados ao rei, que, mal os viu, lhes perguntou:

— Na vossa terra e nessas que atravessastes, o que se diz de mim e do meu Reino?

Respondeu um dos homens:

— Dizem que sois um grande Rei de gente sábia e culta.

O outro, que gostava de dizer a verdade, respondeu:

— Toda a vossa gente são macacos irracionais, logo o rei também é um macaco.

Ouvindo isto, o Rei ordenou que matassem este, e que ao primeiro oferecessem presentes e o tratassem muito bem.

Moral da História

Verifica-se nesta Fábula o que diz Terêncio, que a verdade causa ódio e o elogio ganha amigos. Com um Rei ignorante não há sábios nem virtuosos, apenas chocarreiros e adutores. Daqui resulta que frequentemente os bons são rebaixados e obedecem aos maus, que o Rei Macaco tem ódio a quem o desengana, e que o que mente, como aqui fez o primeiro companheiro, é favorecido.



Fábula V

A Andorinha e as outras Aves

Estavam os homens a semear linho, e, ao vê-los, disse a Andorinha aos outros pássaros:

— Para nosso mal fazem os homens esta seara, que desta semente nascerá linho, e dele farão redes e laços para nos prenderem. Melhor será destruímos a linhaça e a erva que dali nascer, para estarmos seguras.

As outras Aves riram-se muito deste conselho e não quiseram segui-lo. Vendo isto, a Andorinha fez as pazes com os homens e foi viver em suas

casas. Algum tempo depois, os homens fizeram redes e instrumentos de caça, com os quais apanharam e prenderam todas as outras aves, poupando apenas a Andorinha.

Moral da História

A Andorinha representa o homem prudente, que fica livre de dificuldades se consegue antecipá-las. Os que querem viver a seu gosto, sem ouvirem conselhos nem preverem o mal que está para vir, são caçados e castigados devido à sua ignorância.



Fábula VI

O Rato e a Rã

Um Rato desejava atravessar um rio, mas tinha medo, pois não sabia nadar. Pediu então ajuda a uma Rã, que se ofereceu para o levar para o outro lado desde que se prendesse a uma das suas patas.

O Rato concordou e, encontrando um pedaço de fio, prendeu uma das suas pernas à Rã. Mas, mal entraram no rio, a Rã mergulhou, tentando afogar o Rato. Este, por sua vez, debatia-se com a Rã para se manter à superfície. Estavam os dois nestes trabalhos e cansados quando passou

por cima um Milhafre que, vendo o Rato sobre a água, baixou sobre ele e levou-o nas garras juntamente com Rã. Ainda no ar, comeu-os a ambos.

Moral da História

Nesta Rã, e na sua morte, se vê aquilo que ganham os maus quando atraçoam aqueles que neles confiam. Porque quase sempre recebem o mal que para outros ordenam; e se o inocente morre, não escapam eles do castigo merecido; que mesmo que se livrem do castigo temporal, cairão depois da morte num castigo ainda mais temível.



Fábula VII

O Ladrão e o Cão de Guarda

Um ladrão, desejando entrar à noite numa casa para a roubar, deparou-se com um cão que com os seus latidos o impedia. O cauteloso ladrão, para apaziguar o Cão, lançou-lhe um bocado de pão. Mas o Cão disse:

— Bem sei que me dás este pão para que eu me cale e te deixe roubar a casa, não porque gostes de mim. Mas já que é o dono da casa que me sustenta toda a vida, não vou deixar de ladrar enquanto não te fores

embora ou até que ele acorde e te venha afugentar. Não quero que este bocado de pão me custe morrer de fome o resto da vida.

Moral da História

Quem se fia em palavras lisonjeiras, acha-se no fim enganado. Mas quem suspeita das ofertas e das palavras de lisonjeio, não se deixa enganar.



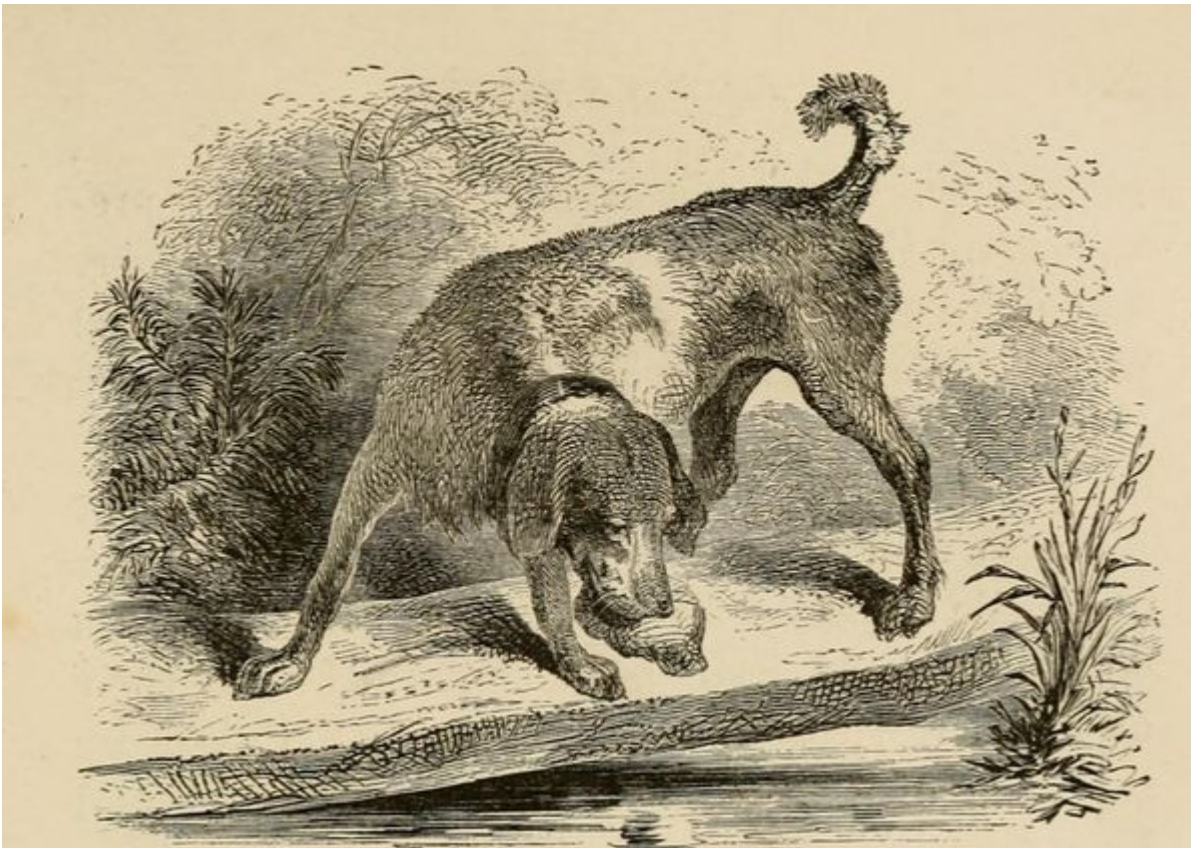
Fábula VIII

O Cão e a Ovelha

O Cão pediu à Ovelha uma certa quantidade de pão, que dizia haver-lhe emprestado. A Ovelha negou ter recebido tal coisa. O Cão apresentou então três testemunhas a seu favor, as quais havia subornado: um Lobo, um Abutre e um Milhafre. Estes juraram ter visto a Ovelha receber o pão que o Cão reclamava. Perante isso, o Juiz condenou a Ovelha a pagar, mas não tendo ela meios de o fazer, foi forçada a ser tosquiada antes de tempo para que a lã fosse vendida como pagamento ao Cão. Pagou então a Ovelha pelo que não comera e ainda ficou nua, padecendo as neves e frios do inverno.

Moral da História

Parece que já no tempo em que Esopo escreveu esta Fábula se adivinhava o que hoje se passa em muitos lugares, onde roubam aos pobres e fracos as honras e fazendas, com falsos testemunhos de homens desalmados, conjurados para roubarem o alheio. Que em nenhum lugar, contra bons homens e ovelhas, faltam Lobos e Milhafres que os dispam e lhes chupem o sangue.



Fábula IX

O Cão e a Carne

Um Cão levava na boca um pedaço de carne, e, ao atravessar um rio, vendo a carne refletida na água, pareceu-lhe esta maior e soltou a que levava nos dentes para apanhar a que via dentro de água. Porém, como a corrente do rio arrastou a carne verdadeira, com ela foi também o seu reflexo, e ficou o Cão sem uma e sem outro.

Moral da História

Este Cão significa a cobiça daqueles que, muitas vezes, por terem maiores interesses, arriscam o que possuem e perdem tudo; como diz bem o provérbio: mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.



Fábula X

A Mosca em cima do carro

Sobre uma carroça carregada puxada por uma Mula pousou uma Mosca. Achou-se tão importante por ir no alto, que começou a falar com arrogância contra a Mula, dizendo que andasse depressa senão que a castigaria, picando-a onde lhe doesse. A Mula virou a o rosto dizendo:

— Cala-te, desavergonhada, que não tenho medo de ti, nem me podes fazer nada, só temo o carroceiro que leva na mão o açoite. Quanto a ti, só com importunações podes cansar-me, sem me fazer outro mal.

Moral da História

Esta Fábula mostra a natureza de alguns, que só têm língua, e com ela porfiando e contradizendo, cansam e importunam toda a gente, querendo mostrar-se muito importantes.



Fábula XI

O Cão e a Máscara

Procurando comida, um Cão encontrou a máscara de um homem muito bem-feita de papelão com cores vivas. Chegou-se então a ela e começou a cheirá-la para ver se era um homem que dormia. Depois empurrou-a com o focinho e viu que rebolava, e como não quisesse ficar quieta nem tomar assento, disse o Cão:

— Decerto que a cabeça é linda, mas não tem miolo.

Moral da História

A máscara representa o homem ou mulher que só se preocupa com o aspeto exterior e não procura cultivar a alma, que é muito mais preciosa. Notam-se nesta Fábula as pessoas que têm todo o cuidado com enfeites e cores supérfluas, formosas por fora, mas a cuja cabeça falta miolo.



Fábula XII

O Leão, a Vaca, a Cabra e a Ovelha

Um Leão, uma Vaca, uma Cabra e uma Ovelha combinaram caçar juntos e repartirem o ganho. Acharam então um Veado, e depois de terem andado e trabalhado muito, conseguiram matá-lo.

Chegaram todos cansados e, cobiçosos da presa, dividiram-na em quatro partes iguais. O Leão tomou uma, e disse:

— Esta parte é minha conforme o combinado.

A seguir pegou noutra e acrescentou:

— Esta pertence-me por ser o mais valente de todos.

Pegou numa terceira e disse:

— Esta também é para mim pois sou o rei de todos os animais, e quem na quarta mexer, considere-se por mim desafiado.

Assim levou todas as partes, e os companheiros acharam-se enganados e afrontados; mas sujeitaram-se por não terem tanta força como o Leão.

Moral da História

Parceria e amizade quer-se entre iguais, e o casamento também; conforme dizia o filósofo, que o mandou aprender aos meninos: cada um com seu igual; porque quem trava amizade com maior, torna-se seu escravo e tem de lhe obedecer ou perder pelo menos a amizade, na qual o trabalho é sempre do mais fraco, e a honra e proveito do mais poderoso.



Fábula XIII

O Casamento do Sol

Dizem que em certo tempo o Sol desejou casar-se, e toda a gente, desagradada com isso, se foi queixar a Júpiter, dizendo que no verão sofriam muito com um Sol que os abrasava com os seus raios, donde concluía que se o Sol se casasse e viesse a ter filhos, queimaria o mundo todo; porque sendo apenas um Sol, temos um verão calmoso na Índia, outro na Grécia, outro na Noruega e nas terras setentrionais; mas sendo todas as três zonas tórridas não teriam as pessoas onde viver. Tendo compreendido isso, Júpiter ordenou que o Sol não se casasse.

Moral da História

Todos os homens têm a obrigação de evitar que se multiplique o número dos maus e desalmados e dos que desafortadamente fazem mal ao próximo, como nesta Fábula se finge que era o Sol, e devem pedir a Deus que os emende ou os tire do mundo, e favorecer a justiça, para que possa castigá-los.



Fábula XIV

O Homem e a Doninha

Um Homem que caçava ratos apanhou na armadilha uma Doninha. Esta, vendo-se em seu poder, pediu-lhe que a soltasse, e disse em seu favor que ela nenhum mal lhe fazia, pelo contrário, limpava-lhe a casa de ratos e bichos.

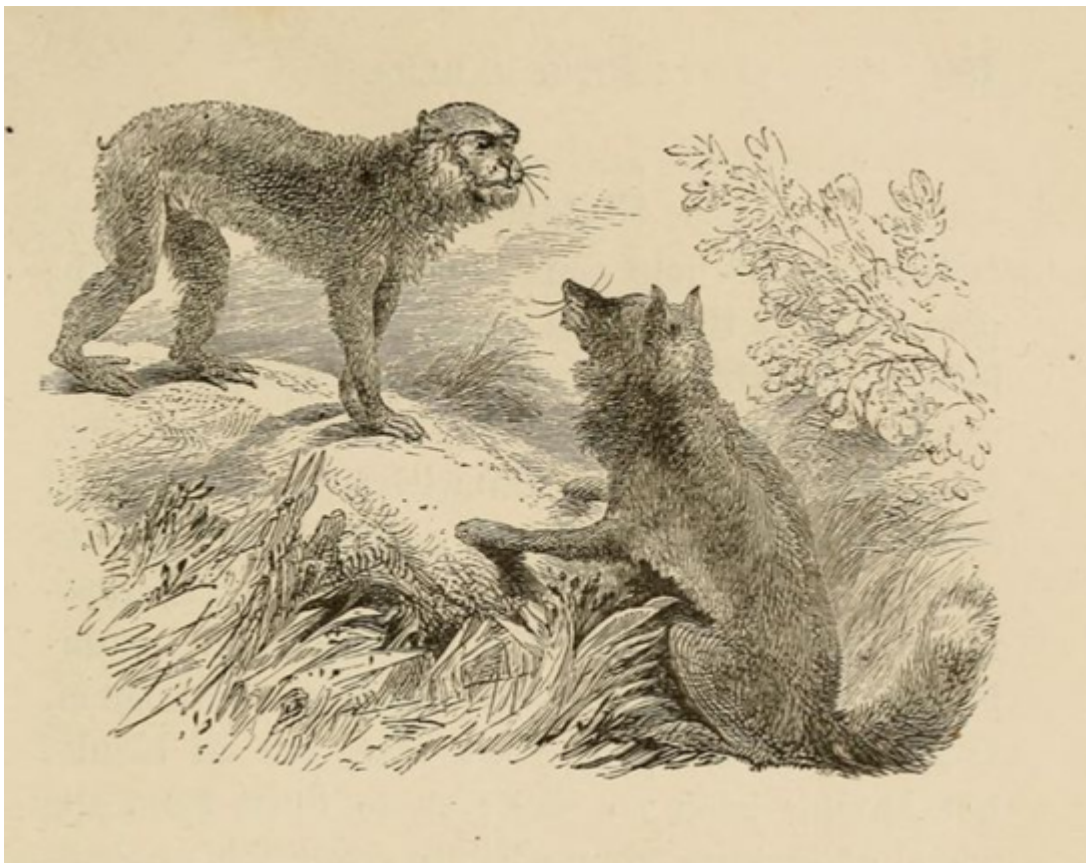
Respondeu o homem:

— Se tu por acaso fizesses isso por bem, devia-te eu agradecimento; mas como o fazes por teres fome, não te devo nada, antes te quero matar, que se os bichos te faltarem, comerás o que é meu, pior ainda do que os próprios ratos.

Moral da História

Do que os homens fazem em seu benefício nenhum agradecimento se lhes deve; a boa obra deve ser voluntária e não por acaso, para que quem a recebe a deva agradecer. Esta Doninha é como muitos homens que até as más obras que fazem querem vender com boas palavras e desejam que se lhes fique devendo.

Porém é a intenção que dá à obra o seu valor; quem me deu uma lançada para me matar e me lancetou o abcesso que me matava não foi amigo, apesar de me ter dado saúde. Esta devo-a só a Deus, que por mão do inimigo me quis dar.



Fábula XV

A Macaca e a Raposa

Uma Macaca sem rabo pediu a uma Raposa que cortasse metade do seu e lho desse, dizendo:

— Bem vêes que o teu rabo é demasiado grande, pois que até se arrasta e varre a terra; o que dele sobeja podes-mo dar a mim para cobrir estas partes que vergonhosamente trago descobertas.

— Antes quero que se arraste — disse a Raposa — e varra o chão, e me seja pesado, que aproveitares-te tu dele. Por isso não to darei, nem quero que coisa minha te faça proveito.

E assim ficou a Macaca sem o rabo da Raposa.

Moral da História

Semelhantes a esta Raposa são todos os invejosos, que deixarão de escarrar se souberem que alguém aproveita o seu cuspinho, e todos os avarentos que do muito que em sua casa sobeja não querem partilhar com o pobre que lhes mostra a sua necessidade, como aqui a Macaca mostra à Raposa.



Fábula XVI

Juno e o Pavão

O Pavão foi ter com Juno muito queixoso, dizendo por que razão o Rouxinol havia de cantar melhor que ele e ter-lhe muitas outras vantagens. Disse Juno que não se agastasse; que por isso tinha ele as penas formosas, cheias de olhos, que pareciam estrelas.

— Isso não vale nada — replicou o Pavão —, antes queria saber cantar.

Juno respondeu:

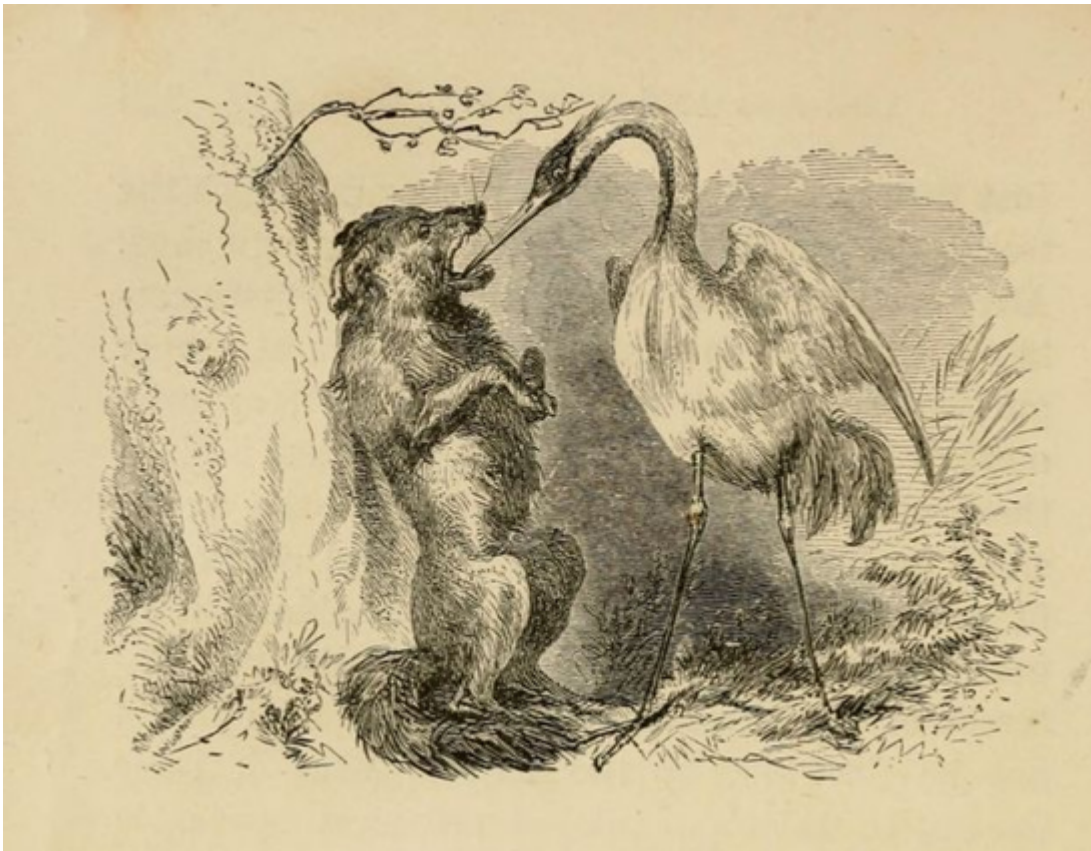
— Não podes ter tudo. O Rouxinol tem voz, a Águia, força, o Gavião, ligeireza, tu contenta-te com tua formosura.

Moral da História

Prova-se nesta Fábula o que fica dito no princípio da vida de Esopo; que não há ninguém completamente desamparado de natureza e sem graça particular; que Deus, autor da mesma natureza, criou os homens e repartiu por eles os seus dotes.

De uns faz valentes e de outros ligeiros; um é bom pintor, outro músico hábil, outro tem o seu dote no entendimento.

Ensina por isso esta Fábula que ninguém se ensoberbeça da graça particular de que é dotado, nem tenha inveja das boas obras do próximo, antes com tudo e por tudo dê louvores a seu Deus e Criador.



Fábula XVII

O Lobo e o Grou

Estava um Lobo a comer carne quando se lhe atravessou um osso na garganta, que o sufocava. Estando nesta aflição, pediu ao Grou que lhe valesse e que com o seu pescoço comprido lhe tirasse o osso da garganta e que seria recompensado. O Grou assim fez e tirou-lhe o osso. Estando livre o Lobo, pediu-lhe então o Grou uma parte do muito que antes lhe oferecera. Porém o Lobo respondeu-lhe:

— Ó ingrato! Não te agradei já o bastante por te ter deixado meter a cabeça dentro na minha boca, onde facilmente poderia apertar os

dentes e matar-te? Não me peças paga, pois tu é que me deves favor, e bem ingrato és em não reconheceres tão grande benefício.

Calou-se o Grou, e ficou muito arrependido do que fizera, dizendo:

— Nunca mais por gente ruim meterei a cabeça e a vida em semelhante perigo.

Moral da História

Benefícios feitos a gente perdida são benefícios perdidos, e podem contar-se por malefícios quando puramente não se fazem por amor de Deus, que todos os bens tem o cuidado de pagar. A homem desagradecido, quanto fazeis por ele tudo perdeis, e às vezes com palavras vos carrega, mostrando que sois vós o devedor, como este nosso Lobo fazia.



Fábula XVIII

As duas Cadelas

Estava uma cadela com as dores de parto, e não tendo lugar onde pudesse parir, suplicou a outra que lhe cedesse a sua cama, que era num palheiro, dizendo que assim que parisse se iria embora com os filhos.

Tendo pena dela, a outra cadela cedeu-lhe o lugar, mas depois do parto pediu-lhe que se fosse embora. Porém a hóspede mostrou-lhe os dentes e não a quis deixar entrar, dizendo que estava de posse do lugar, e que não a tirariam dali a não ser por guerra e às dentadas.

Moral da História

Esta Fábula mostra ser verdadeiro o adágio que diz: «Queres inimigo? Dá o teu e pede-o de volta.» Porque, sem dúvida, há muitos homens como esta cadela parida, que pedem humildemente, mostrando a sua necessidade, e depois de terem o alheio em seu poder, arreganham os dentes a quem lho pede, e se são poderosos ficam com ele.



Fábula XIX

O Homem e a Cobra

Na força do chuvoso e frio inverno andava uma Cobra fraca e encolhida, e um homem piedoso recolheu-a, agasalhou-a e alimentou-a, enquanto houve frio. Chegado o verão, começou a Cobra a estender-se e desenroscar-se, pelo que o homem a quis pôr fora; mas ela levantou o pescoço para o morder. Vendo isso, o homem pegou num pau e começou a lutar com a Cobra. Na peleja ficou a Cobra morta, e ele bem mordido.

Moral da História

Bem diz o provérbio: pela mão leva o homem a desgraça a sua casa. Assim aconteceu a este homem com a cobra, e acontece a muitos que, no inverno dos trabalhos e perseguições, querem ser bons aos seus próximos, mas eles, de ruins, chegado o verão das bonanças, nem o dado agradecem nem o emprestado devolvem. Assim é certo acolherdes às vezes em casa um pobre que ou vos rouba e foge, ou, se o mandais embora, vos molesta e injuria.



Fábula XX

O Burro e o Leão

Um Burro simplório cruzou-se com um Leão num caminho, e, altivo e presunçoso, atreveu-se a falar-lhe, dizendo:

— Sai do meu caminho!

Vendo este desatino e ousadia, o Leão deteve-se por um instante; mas prosseguiu logo o seu caminho, dizendo:

— Pouco me custaria matar e desfazer este Burro agora mesmo; porém não quero sujar os meus dentes nem as fortes unhas em carne tão ordinária e fraca.

E seguiu caminho sem fazer caso dele.

Moral da História

Há homens nobres que suportam coisas de outros abaixo deles que não suportariam aos seus iguais, porque consideram uma afronta sujar as mãos em gente baixa. Pelo contrário, há muitos idiotas, como este burro, que, contentes de si, bem vestidos e bem alimentados, sem terem onde caírem mortos, querem logo desafiar os fidalgos maiores da terra, como queria fazer este burro com o Leão, rei dos outros animais.



Fábula XXI

O Rato da Cidade e o Rato do Campo

Um Rato que morava na Cidade, calhando ir ao campo, foi convidado para jantar por outro Rato que lá morava. Este levou-o à sua toca e

preparou a refeição com coisas do campo, como ervas e raízes. Disse o Rato da Cidade ao outro:

— Compadre, tenho pena de ti e da pobreza em que vives. Vem comigo morar na cidade e verás a riqueza e a fartura de que gozas.

O Rato do Campo aceitou o convite e lá foram ambos para uma casa grande e rica. Entrando na despensa, estavam a comer boas e abundantes comidas quando de súbito entra o despenseiro e dois gatos atrás dele.

Assustados, os Ratos correram cada um para seu lado. O de casa achou logo o seu buraco, e o de fora trepou pela parede, dizendo:

— Fica-te com a tua fartura, que eu antes quero comer raízes no campo, onde não há gato nem ratoeira e se vive sem sobressaltos.

E assim diz o adágio: Mais vale magro no mato, que gordo na boca do gato.

Moral da História

Quanto o estado de pobreza é mais calmo e seguro mostra-se bem nesta Fábula; e quantos riscos correm os que trabalham por conseguir mais riquezas.



Fábula XXII

A Águia e a Raposa

Uma Águia, procurando alimento para os seus filhotes, deitou as unhas a dois raposinhos. A Raposa, vendo isso, implorou-lhe que lhe desse os filhos; mas a Águia, lá do alto, zombou das suas súplicas e disse que não deixaria de lhos comer.

A raposa, magoada, começou logo a juntar, ao pé da árvore onde a Águia tinha o ninho, muitas palhas, arbustos e ramos secos, e arranjou-os de tal maneira que, chegando-lhe fogo, fez uma fogueira muito grande.

Viu-se a Águia muito apoquentada com o fumo e a labareda, e com o receio de que ardesse a árvore toda, lançou-lhe os raposinhos sem lhes tocar, e quase ficou chamuscada pela astúcia da Raposa.

Moral da História

Se alguém presumir ser Águia na força e ter vantagem em relação aos outros, nem por isso afronte nem importune o fraco e pequeno que não possa vingar-se do maior. Deus ajuda os humildes e resiste aos soberbos; e quis que o Leão temesse o Galo, e o Rato pudesse inquietar o Elefante.



Fábula XXIII

O Galo e a Raposa

Fugindo de uma Raposa, algumas Galinhas e o seu Galo subiram a uma árvore. A Raposa, vendo que ali não os podia alcançar, quis usar de cautela, e disse ao Galo:

— Podes descer com segurança, que acabou de se proclamar a paz universal entre todas as aves e animais. Portanto desce e vamos festejar este dia.

O Galo percebeu que era mentira, mas com dissimulação respondeu:

— Essas novidades por certo são boas e alegres, mas vejo além três cães a chegar; deixemo-los chegar e todos juntos festejaremos.

A Raposa, sem mais esperar, encolheu-se dizendo:

— Tenho medo que eles ainda o não saibam e me matem.

E depressa se pôs a fugir, ficando as Galinhas seguras.

Moral da História

Um cravo tira outro cravo. Por este Galo pode entender-se o homem ajuizado que, quando outro com palavras o quer enganar, dissimula, fingindo que não o entende, e com palavras brandas se defende. Que se o falso encontra homem avisado, quase sempre cai nos laços que armou.



Fábula XXIV

O Bezerro e o Lavrador

Um Lavrador tinha um Bezerro forte e gracioso e pô-lo a lavrar com outro boi manso. Como o Bezerro resistia ao jugo e ao trabalho, o Lavrador tentava amansá-lo com pancadas e pedradas. E disse ao boi manso:

— Não te ponho com este para que lavres, que ele ainda não está pronto para isso, mas para o amansar de pequeno, porque depois de se tornar touro não haverá quem o amanse.

Moral da História

Ensina-nos esta Fábula que é necessário educar e refrear os filhos de pequenos, acostumá-los à virtude, tirando-os de ociosidades, que dão sempre maus resultados na velhice; porque doutrina cristã é que quem tira aos moços o castigo, se lhes quer bem, lhes faz mal. Donde se prova que quem lhes quer bem lhes faz mal. Donde se prova que quem lhes tem amor, deve domá-los e castigá-los de pequenos. Também pelo boi manso se vê que o homem quieto e pacífico é sempre mais querido e estimado por aqueles que lidam com ele.



Fábula XXV

O Lobo e o Cão

Encontrando-se um Lobo e um Cão num caminho, disse o Lobo:

— Tenho inveja, companheiro, de te ver tão gordo, com o pescoço grosso e o cabelo luzidio; eu ando sempre magro e desgrenhado.

Respondeu o Cão:

— Se fizeres o que eu faço, também tu engordarás. Estou numa casa onde gostam muito de mim, dão-me de comer, tratam-me bem; e só tenho de ladrar quando sinto ladrões de noite. Por isso, se quiseres, vem comigo que terás outro tanto.

O Lobo aceitou e lá foram. Mas no caminho disse o Lobo:

— O que é isso, companheiro, que te vejo o pescoço esfolado?

Respondeu o Cão:

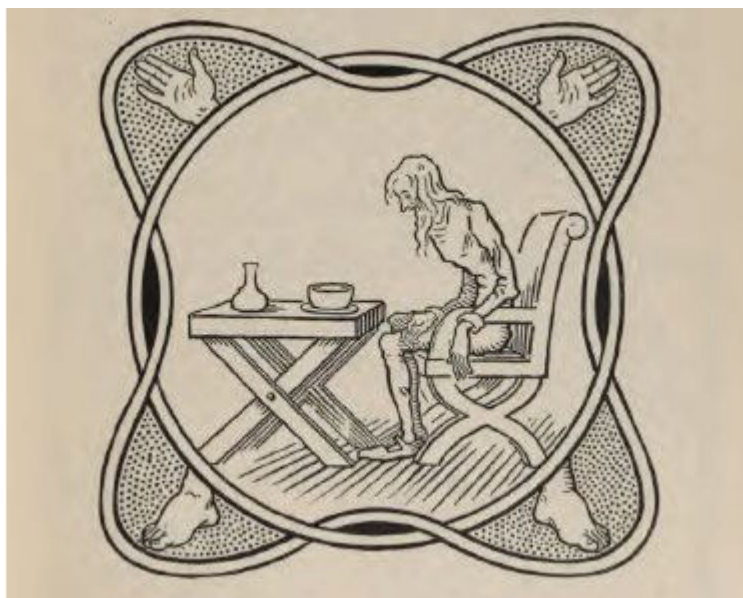
— Para que durante o dia não morda os que entram em casa, prendem-me com uma corrente. De noite soltam-me até de manhã, quando tornam a prender-me.

— Não quero a tua fartura — respondeu o Lobo. — A troco de não estar preso, antes quero trabalhar e passar fome, mas ser livre.

E dizendo isto foi-se embora.

Moral da História

Não há prata nem ouro que valham mais do que a liberdade, e quem a estima faz o que fez este Lobo, que escolhe antes trabalhos e fome que perdê-la. Comedores negligentes e sem préstimo não prezam ser livres, desde que comam o pão, e tais são representados nesta Fábula pelo Cão.



Fábula XXVI

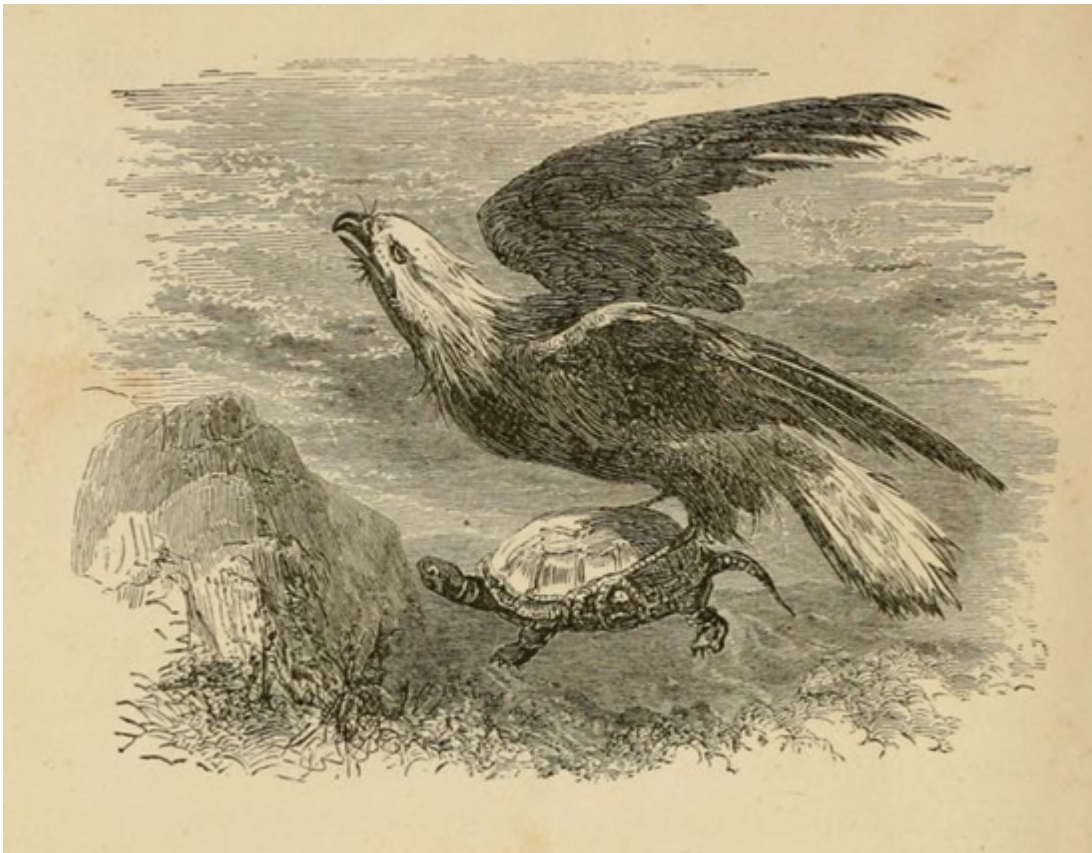
Os Membros e o Corpo

As mãos e os pés queixavam-se dos outros membros, dizendo que se fartavam de trabalhar e que traziam o corpo às costas, e tudo redundava em proveito do estômago, que comia sem trabalho. Portanto, o estômago que tratasse da sua vida, que eles não haviam de dar-lhe de comer.

Por muito que o estômago lhes pedisse, não quiseram voltar atrás no que tinham dito e começaram a negar-lhe a comida. O estômago enfraqueceu, mas como juntamente enfraqueceram também os pés e as mãos, estes tornaram depressa a querer alimentá-lo. Contudo a fraqueza já era muita, e de nada lhes valeu, morrendo todos juntamente.

Moral da História

Somos todos membros de uma mesma República, e todos necessários uns aos outros. Soldados e trabalhadores são as mãos e os pés, o Rei, cabeça, os ricos, estômago. Se o lavrador disser que não quer trabalhar para que o outro coma, ele há de ser o primeiro a padecer de fome. Se os soldados não defenderem a pátria, o rei não governar, os ricos não distribuírem o que juntaram antes, e cada membro se separar, morrerão todos, e morrerá o corpo místico da República.



Fábula XXVII

A Águia e o Grou

A Águia apanhou um Cágado para comer, e trazia-o pelo ar e dava-lhe picadas, mas não conseguia matá-lo porque estava muito recolhido na sua carapaça. A Águia estava a ficar furiosa com isto, mas entretanto chega o Grou, que diz:

— A caça que apanhaste é decerto muito boa, mas não poderás saboreá-la senão por artimanha.

A Águia propôs que, se lhe ensinasse a artimanha, repartiria com ele o que caçara. O Grou disse então:

— Sobe acima das nuvens e de lá deixa cair o Cágado em cima de uma pedra, que quebrará a carapaça, deixando a carne descoberta.

A Águia assim fez, e sucedendo o queriam, comeram ambos da caça.

Moral da História

Na guerra, e em qualquer negócio, vale mais a sageza do que a força. Há negócios muito árduos que apenas se concluirão por manha, e sem ela a força pouco ou nada vale. Foi isto que quiseram mostrar os poetas na companhia e amizade do sábio Ulisses com o valente Diomedes, porque valentia sem manha poucas ou nenhuma vez dá fruto proveitoso a seu dono, e um conselho bom vale mais que muitos maus.



Fábula XXVIII

A Raposa e o Corvo

Um Corvo apanhou um queijo, e, fugindo com ele, pousou em cima de uma árvore. Uma Raposa, ao vê-lo, desejou comer-lhe o queijo. Pôs-se então ao pé da árvore e começou a dizer ao Corvo:

— Vê-se bem que és formoso e gentil, e poucos pássaros haverá que te ganhem. És bem-disposto e muito galante; se por acaso soubesses cantar, nenhuma ave se compararia contigo.

Envaidecido com estes elogios, e desejando fazer boa figura, o Corvo levantou o pescoço para cantar; porém, abrindo o bico, caiu-lhe o

queijo. A Raposa apanhou-o e foi-se embora, ficando o Corvo faminto e ciente da sua própria ignorância.

Moral da História

Os que se deixam convencer com palavras lisonjeiras, como eram as desta Raposa, não é de admirar que cometam os maiores desatinos, como o Corvo fez. Quem, sem ter qualidades, vê louvar-se, entenda que não são louvores, senão laços que lhe armam para o enganarem; porque palavras dóceis são sempre suspeitosas, e quanto melhor se aceitam, mais prejudiciais são. São engodo que o caçador faz para nos apanhar e por meio desse ardil vem a alcançar de nós o que desejava.



Fábula XXIX

O Leão e os outros Animais

Estava um Leão doente e fraco de velho, e veio um javali que lhe lembrou ter sido por ele maltratado noutros tempos e deu-lhe uma forte trombada. Veio um Touro e deu-lhe uma cornada, e muitos outros animais, para se vingarem, maltrataram o Leão. Por fim veio um asno, e deu-lhe dois coices, com que o deitou por terra.

Chorava o Leão dizendo:

— Tempos houve em que todos estes só com o meu bramido tremiam, e não havia nenhum tão forte que não fugisse de se encontrar comigo. Agora que me veem fraco, todos querem vingar-se e não há quem não me maltrate.

Moral da História

Os que desempenham cargos e ofícios grandes não façam mal aos outros, temam o que aconteceu a este Leão; porque quando o seu poder enfraquecer e deixarem o ofício, também qualquer pobre poderá vingar-se deles e atacá-los, ou por obras, ou por palavras.



Fábula XXX

As Rãs e Júpiter

Há muito, muito tempo, as Rãs pediram a Júpiter que lhes desse um rei, como tinham os outros animais. Júpiter riu-se da ignorante petição e, atendendo a ela, lançou um madeiro para o meio da lagoa. As Rãs começaram então a ter-lhe respeito; porém, logo que perceberam que não era coisa viva, foram de novo ter com o deus pedindo um rei. Júpiter, farto de ser importunado, deu-lhes a Cegonha, que começou a comer as rãs uma a uma.

Vendo elas esta crueldade, foram-se queixar a Júpiter pedindo uma solução, mas ele despediu-as dizendo:

— Já que não ficastes contentes com o primeiro rei, sofri com esse, que tanto me pedistes.

Moral da História

Gente amiga de novidades é como as Rãs; cada dia querem mudar de senhor e desejam alterações e mudanças. Mas bem se vê nesta Fábula que Deus muitas vezes castiga os maus simplesmente concedendo-lhes o que pedem; e os que se queixam do bom Governador ou Prelado, às vezes caem em poder de tiranos, que os comem e destroem, como a Cegonha aqui fazia.



Fábula XXXI

As Pombas e o Falcão

Vendo -se as Pombas perseguidas pelo Milhafre, que de vez em quando as maltratava, e pensando como poderiam livrar-se dele, pediram ajuda ao Falcão.

Tomou este o cargo de as defender; mas começou a tratá-las muito pior, matando-as e comendo-as sem piedade. Vendo-se sem remédio, diziam:

— Sofremos e com razão, pois não nos contentando com o que tínhamos, decidimos mal num assunto que tanto nos importava.

Moral da História

Direitamente parece que esta Fábula se dirige aos príncipes cristãos, que tendo rivalidades entre si, muitas vezes chamaram em seu favor Mouros ou Turcos, do que depois se arrependeram, como estas Pombas, e ficaram na sujeição de que hoje o Egito padece e outras muitas províncias, em castigo de seus ódios, invejas, cismas, abominações e outros pecados, causas de discórdias e por conseguinte de total destruição.



Fábula XXXII

O Parto da Montanha

Em certo tempo começou a Montanha a dar urros e a inchar, dizendo que queria parir. Andava a gente muito surpresa e cheia de temor, receosa de que nascesse algum monstro que pudesse destruir o mundo todo. Chegado o tempo do parto, estando todos juntos suspensos, a Montanha pariu um Rato, transformando em riso o que antes era medo.

Moral da História

Esta Fábula é sobre os que prometem de si coisas grandes, e depois não fazem coisa alguma, como são certos fanfarrões, que se armam em valentes e a poder de juramentos o querem parecer. Outros que gabam as suas letras e os livros que hão de escrever, mas quando se joeira a valentia de uns e a ciência dos outros, tudo é joio; pelo que com razão fica quem os conhece e se ri e escarnece deles, como na Fábula se diz que os homens fizeram do parto da Montanha.



Fábula XXXIII

O Galgo velho e o seu Dono

Um Galgo velho, que em tempos havia sido muito bom caçador, deixou fugir uma lebre de entre os dentes, porque já os não tinha. Vendo isso, o dono açoitou-o cruelmente e mandou-o embora, como coisa que nada valia.

Disse então o Galgo:

— Deves, Senhor, lembrar-te de como te servi bem enquanto era jovem, quantas lebres cacei e quanto me estimavas; agora que sou velho e estou no osso, por uma lebre que me fugiu, açoitas-me e lanças-me fora. Devias antes perdoar-me e pagar-me bem o muito que te tenho servido.

Moral da História

Deste Galgo tome lição quem serve senhor ingrato, e verá o pagamento que há de ter, principalmente se o serve em coisas contra a sua consciência, porque depois de estar bem metido no Inferno, pela primeira vontade que deixar de lhe fazer, perde quanto tem servido. E muitas vezes é o próprio senhor, por cujo respeito ele perdeu a Deus, que é o seu algoz e o faz castigar pelos pecados que o obrigou a cometer.



Fábula XXXIV

As Lebres e Rãs

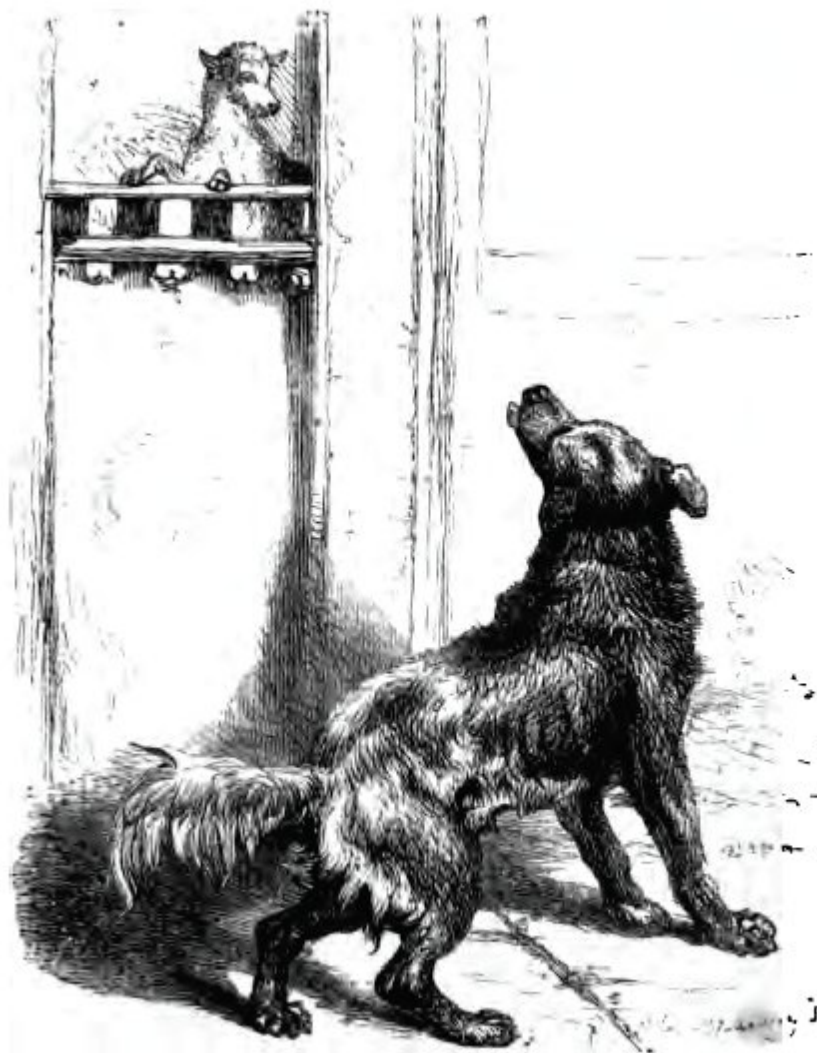
Cansadas de fugirem dos galgos e de serem assustadas por todos os animais, as Lebres combinaram, para não passarem mais sobressaltos, afogarem-se num rio. Correram então em direção à água, mas chegando à beira dela viram grande número de Rãs saltarem com medo para o rio. Perante isso, as Lebres pararam e, mudando o conselho, disseram:

— Tendo em conta que estas Rãs vivem tendo medo de nós e de todos os que nos atemorizam, aguentemos também nós a vida, já que há outros mais perseguidos e medrosos.

Moral da História

Bem se vê ser verdade o que diz Marcial, que ninguém é miserável se for comparado; e a mais certa consolação, ainda que cruel, que há nos males é ver outros que padecem maiores.

Perguntando a um Filósofo de que modo se suportariam bem os sofrimentos, respondeu este: vendo o nosso inimigo em outros maiores.



Fábula XXXV

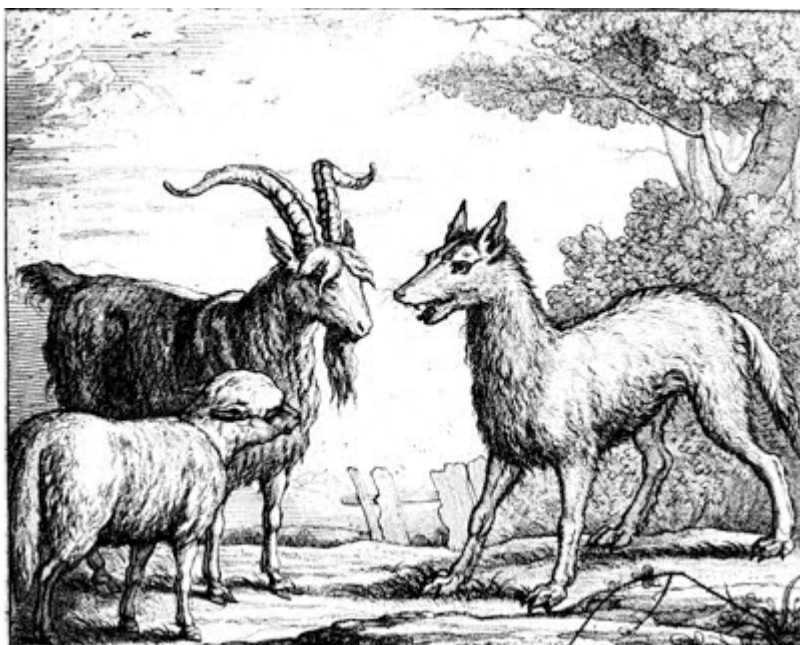
O Lobo e o Cabrito

Uma Cabra, indo pastar ao campo, deixou o filho em casa e disse-lhe que não abrisse a porta nem ao Urso nem ao Lobo que ali viessem, porque morreria. Mal saiu, veio um Lobo que, fingindo a voz de Cabra, começou a falar carinhosamente ao Cabrito, dizendo que lhe abrisse a

porta, que era a sua mãe. Ouvindo isto, o Cabrito chegou à porta e, olhando por uma fenda, viu o Lobo. Sem outra resposta, virou as costas e recolheu-se em casa. O Lobo foi-se embora, e ele ficou salvo.

Moral da História

Aos filhos obedientes a seus pais nada de mal lhes acontece. Esta Fábula avisa-nos que observemos sempre esta obediência, e também que não nos fiemos em palavras meigas; porque quem à pura força não se atreve connosco, quanto mais peçonha traz no coração tanto mais mel mostra a língua; que a peçonha não se dá senão nos manjares mais saborosos.



Fábula XXXVI

O Veado, o Lobo e a Ovelha

Um Veado exigia à Ovelha uma certa quantidade de trigo, que falsamente dizia haver-lhe emprestado. A Ovelha pensou em negar-lho, mas receou, porque o Veado estava acompanhado de um Lobo. Assim, com dissimulação, respondeu a Ovelha:

— Peço-te, pela tua vida, que esperes alguns dias e então faremos as nossas contas e pagar-te-ei quanto te dever.

O Veado foi-se embora todo contente. Porém quando ambos se encontraram sem o Lobo estar presente, a Ovelha desenganou-o, disse-lhe que não lhe devia trigo nenhum e que, portanto, nada lhe pagaria.

Moral da História

Contém esta Fábula um aviso proveitoso, que pode servir-nos quando alguém porfia contra nós em presença dos nossos inimigos; que então é prudência dilatar a vida até nos vermos numa situação em que possamos livremente defender a nossa opinião, como fez aqui a Ovelha, sem temor de Lobos inimigos roazes.



Fábula XXXVII

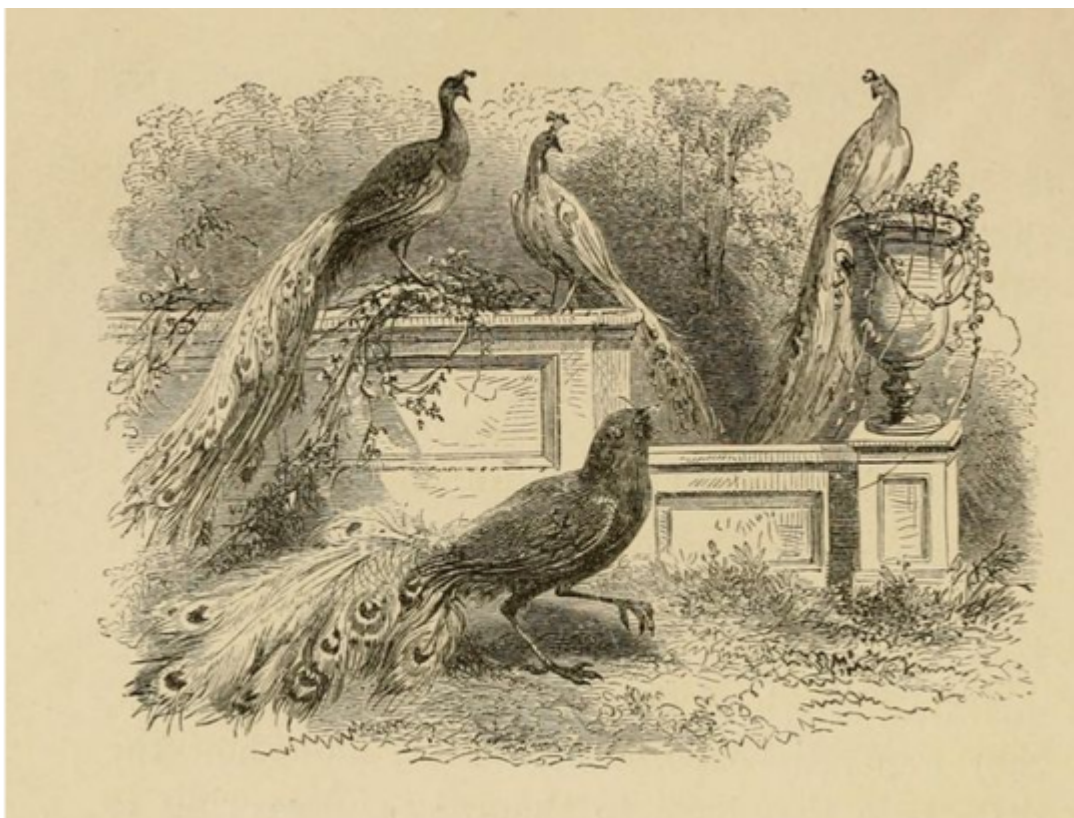
A Cegonha e a Raposa

Um dia a Raposa convidou a sua amiga Cegonha para jantar. Chegado o tempo, a ardilosa Raposa preparou para o jantar umas papas que estendeu numa bandeja, e incentivava a Cegonha a que comesse. Mas como esta magoava o bico na bandeja e nada conseguia apanhar das papas, regressou faminta ao ninho.

Para se vingar, a Cegonha convidou por sua vez a Raposa e serviu o manjar numa garrafa, de onde comia com o bico e pescoço comprido. A Raposa, não conseguindo meter o focinho na garrafa, regressou a casa morta de fome.

Moral da História

É agradável enganar o enganador e zombar de quem quer zombar de nós, e obrigação dos que zombam e escarnecem sofrerem bem zombarias leves.



Fábula XXXVIII

A Galha e os Pavões

Uma Galha pediu emprestadas penas de pavão e, vestindo-se com elas, passou a andar com os Pavões, desprezando as outras Galhas. Porém, passado algum tempo, os Pavões pediram as suas penas de volta, e começaram a depenar a Galha, arrancando-lhe penas e carne com o bico. A Galha quis depois regressar para junto das suas antigas companheiras, ainda que com temor e vergonha, e disseram-lhe elas:

— Teria sido melhor contentares-te com o que te deu a natureza do que queres ser o que não és e ficas no estado em que estás, pelada, ferida e envergonhada.

Moral da História

Quem faz casa e toma fausto com rendas alheias, ou fazenda emprestada, tem o sucesso desta Gralha. Chega o tempo da paga, vêm os credores, tomam-lhe as alfaias com que se honrava, e se não bastam, enfiam-no na cadeia, donde sai pelado e vergonhoso.



Fábula XXXIX

A Formiga e a Mosca

Entre a Mosca e a Formiga houve grande discussão sobre pontos de honra. Dizia a Mosca:

— Eu sou nobre, vivo livre, ando por onde quero, como refeições saborosas, sento-me à mesa com o Rei e beijo as mais formosas damas. Tu, mal-aventurada, andas sempre a trabalhar.

Respondeu a Formiga:

— Tu és uma doida preguiçosa. Se pousas uma vez em prato de bom manjar, mil vezes comes sujidades e imundícies desprezadas por todos; se te pões no rosto da dama ou à mesa com o Rei, não é por sua vontade, mas porque és enfadonha e importuna.

Moral da História

Com esta Fábula aprendamos o pouco que valem homens ociosos e importunos como moscas, que se gabam difamando mulheres e pessoas honradas e contam feitos que nunca lhes aconteceram, desprezando os que como a formiga vivem do seu labor, mas quando veem a ocasião, não fazem nada e ficam afrontados e tidos por cobardes.



Fábula XL

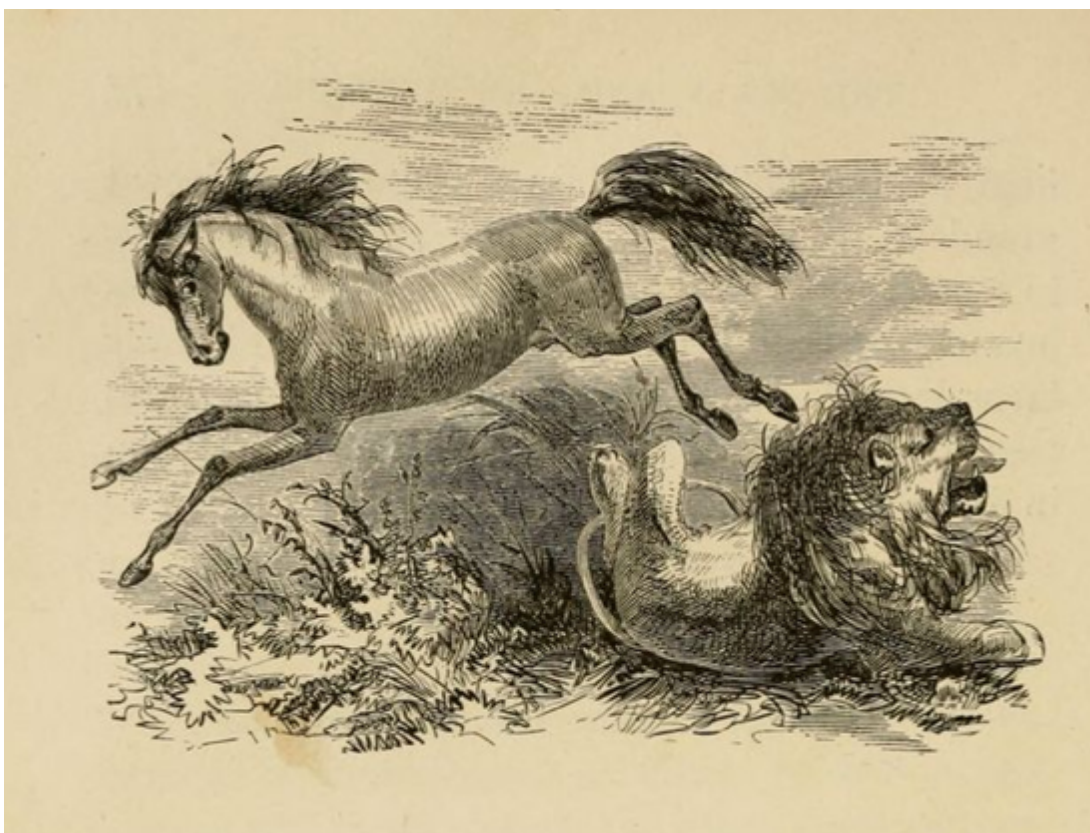
A Rã e o Touro

Andava um grande Touro a passear junto da água, e uma Rã, vendo-o tão grande, ficou cheia de inveja e começou a comer e a inchar-se com vento, e perguntava às outras se já era grande.

Elas responderam que não. A Rã voltou a fazer mais força para inchar e, desenganada do muito que lhe faltava para igualar o Touro, terceira vez inchou com tanta força que veio a rebentar com a cobiça de ser grande.

Moral da História

Marcial, num epigrama contra Otacílio, moraliza esta Fábula, entendendo pela Rã o ambicioso, que, desejando igualar-se com o rico no trato e na despesa, gasta o que tem e o que não tem, e chega a consumir-se, até que rebenta em muitas dívidas que o levam à cadeia. Fiquem logo avisados aqueles que, sendo Rãs na posse, não queiram despender como Touros, porque senão rebentam como esta de que tratou esta Fábula.



Fábula XLI

O Cavalo e o Leão

Um Leão viu um Cavalo a pastar num outeiro, e pensando numa maneira de o matar para o comer, chegou-se com palavras de amigo, dizendo que era médico e se queria que o curasse.

O Cavalo, que o conheceu e percebeu a sua intenção, disse com dissimulação:

— Na verdade, amigo, vens em boa altura, que tenho nesta pata uma dor que muito me faz sofrer.

O Leão aproximou-se para lhe ver a pata, e o Cavalo levantou-a e assentou-lhe um coice no queixo, que o deixou atordado.

Voltando a si, o Leão viu que o Cavalo já ia longe, e disse:

— Por certo que fez bem em me ferir e ir-se embora, pois eu queria comê-lo e não curá-lo.

Moral da História

Aos que querem roubar e enganar outros, professando ofícios que nunca aprenderam, muitas vezes lhes sucede ficarem escalavrados como este Leão, e nunca escapam das afrontas e injúrias graves, porque querem vender o que não sabem, o que tudo são maneiras de furtar.



Fábula XLII

As Aves e o Morcego

Havia uma guerra entre as Aves e os outros animais, e, sendo estes mais fortes, andavam as Aves maltratadas e vencidas.

Amedrontado, o Morcego passou-se para o bando contrário, e voava por cima dos animais de quatro patas, aos quais se aliara.

Entretanto a Águia veio ajudar as Aves e estas alcançaram vitória. Apanharam o Morcego, e como castigo da sua traição, ordenaram-lhe que andasse sempre pelado e às escuras.

Moral da História

Esta Fábula adverte os soldados para que não desamparem os seus capitães; os amigos para que não esqueçam a amizade em tempo de trabalhar. Os que assim não fazem pouco têm de amigos e muito de inimigos, ganham fama de traidores e ninguém confia neles.



Fábula XLIII

O Cavalo e o Burro

Um Cavalo, ricamente ajaezado de seda e ouro de muito valor, encontrou no caminho um Burro carregado e disse-lhe cheio de altivez:

— Animal inconveniente, porque não me cedes lugar e te desvias para que eu passe?

O pobre Burro calou-se e suportou a ofensa.

Alguns dias depois, o Cavalo torceu uma pata e começou a mancar. O seu dono retirou-lhe por isso os ricos arreios e pôs-lhe uma albarda para servir como animal de carga.

O Burro encontrou-o então carregado de esterco, e disse-lhe:

— Onde vais, irmão? Onde está a tua soberba? Porque não pedes agora que me arrede, como fazias noutro tempo?

Moral da História

Que ninguém despreze os pequenos e pobres por se ver bem alimentado e bem vestido, ou com honras e ofícios; porque se mudam as venturas e estados, e a soberba passada não serve mais que de vergonha e injúria presente.



Fábula XLIV

O Falcão e o Rouxinol

Certa manhã, um Falcão apoderou-se do ninho onde o Rouxinol tinha os filhos e quis matá-los. O Rouxinol começou com muita brandura a suplicar-lhe que não os matasse e que ficaria ao seu serviço.

O Falcão disse que ficaria contente se o Rouxinol cantasse de um modo que o satisfizesse. Principiou o triste Rouxinol a cantar muito sentido e suave. Porém, o Falcão, mostrando-se descontente com a música, começou a comer-lhe os filhos. Entretanto chega por trás um caçador e apanha o Falcão com um laço, em que o prendeu e o levou de rasto, e o Rouxinol ficou livre.

Moral da História

Este Falcão representa os tiranos e desalmados, que por nenhuma razão, ainda que muito justificadas, desistem de prejudicar os que podem pouco; mas neste entremeio chega a Justiça divina, que os caça no laço da morte e os lança no inferno, e muitas vezes, para consolação dos bons, os aflige visivelmente nesta vida com pena temporal.



Fábula XLV

As Árvores e o Machado

Um Machado de aço bem forjado, faltando-lhe o cabo, via-se impedido de cortar. As árvores disseram então ao Zambujeiro que lhe desse o cabo. E logo que o Machado ficou encavado, um homem começou com ele a fazer madeira e a destruir o arvoredor.

Disse então o Sobreiro ao Freixo:

— A culpa é nossa, que demos cabo ao Machado para nosso mal, porque, se não lho déssemos, seguras poderíamos estar em relação a ele.

Moral da História

Quem vir o seu contrário incapaz de lhe fazer mal, não o habilite nem lhe dê armas, se o vir desarmado. Virtude é perdoar ao inimigo, mas parvo é quem, além de lhe perdoar, o favorece tanto que depois possa com pouca ajuda matá-lo.



Fábula XLVI

O Burro e o Mercador

Um comerciante que ia para a feira levava um Burro carregado de mercadoria, mas como o animal estava muito fraco, andava devagar. O Mercador, ambicioso, com desejo de chegar depressa, bateu tanto no Burro que este caiu no caminho com a carga e morreu. Depois de morto esfolaram-no, e da pele fizeram um tambor, em que andavam sempre a batucar.

Moral da História

Os que sabem aproveitar-se dos trabalhos da vida e se preparam para a morte, descansam nela; porém os que como burros morrem sem se lembrarem de que há outra vida, depois de padecerem nesta suas desventuras, são na outra escarnecidos e atormentados pelo demónio; pelo que com acerto são comparados nesta Fábula a jumentos, cuja pele é maltratada tanto na morte como na vida.



Fábula XLVII

O Rato e a Doninha

Uma Doninha, como não pudesse já caçar de tão velha e cansada que estava, usava esta artimanha: enfarinhava-se toda e punha-se muito quieta a um canto da casa.

Vinham alguns Ratos que, pensando que a Doninha era outra coisa, se aproximavam para comer e ela apanhava-os comia-os.

Por fim veio um Rato velho, que tinha já escapado de muitas armadilhas, e pondo-se de longe disse:

— Por mais artes que uses, não me apanharás. Engana à vontade esses pequenos, mas eu conheço-te bem e não hei de chegar-me a ti.

E, dizendo isto, foi-se.

Moral da História

Na Doninha se pode ver que quem é criado em más manhas, nem por velhice as perde. Quem se acostuma a furtar, ou o barão ou a morte lho há de tirar; e quando já não podem usar da força, com rebuscos, manhas e traições usam os seus maus ofícios, como gente que tem perdida a vergonha e temor de Deus.



Fábula XLVIII

A Raposa e as Uvas

Chegando uma Raposa a uma parreira, viu-a carregada de uvas maduras e formosas e cobiçou-as. Começou a fazer tentativas para subir; porém, como as uvas estavam altas e a subida era íngreme, por muito que tentasse não as conseguiu alcançar. Então disse:

— Estas uvas estão muito azedas e podem manchar-me os dentes; não quero colhê-las verdes, pois não gosto delas assim.

E, dito isto, foi-se embora.

Moral da História

Homem avisado, coisas que não pode alcançar, deve mostrar que não as deseja; quem encobre as suas faltas e desgostos não dá gosto a quem lhe quer mal nem desgosto a quem lhe quer bem; e que seja isto verdade em todas as coisas, tem mais lugar nos casamentos, que desejá-los sem os haver é pouquidade, e sizo mostrar o homem que não lhe lembram, ainda que muito os cobice.



Fábula XLIX

O Pastor e o Lobo

Andava um Lobo a fugir de um caçador que vinha a persegui-lo, e, chegando ao pé de um Pastor, escondeu-se numas moitas e pediu ao Pastor que se o caçador perguntasse por ele, lhe dissesse que fugira. O Pastor concordou. Quando chegou o caçador, perguntou pelo Lobo, e o Pastor disse-lhe que fugira, mas com a cabeça indicou-lhe onde estava escondido. Contudo o Caçador não percebeu os acenos e foi-se embora. O Lobo saiu então do esconderijo, e disse-lhe o Pastor:

— Então, amigo? Muito me deves pois bem te vali.

— Valeu-me antes a minha sorte — respondeu o Lobo — e não te entender o caçador; pelo que nada te devo, e se bendigo a tua língua, amaldiçoo a tua cabeça, que tanto fez por me descobrir.

Moral da História

Notam-se nesta Fábula os que do mal que urdiram, ainda que não tendo efeito, querem tirar agradecimentos, e mostra-se o perigo que representa quererem os homens em seus trabalhos valer-se de seus inimigos; que quando são muito fiéis e primorosos, cuidam que satisfazem ao mostrarem-se neutrais.



Fábula L

O Burro e a Cachorrinha

Um Burro, vendo que o seu dono brincava com uma Cachorrinha e se alegrava com ela, e a tinha à mesa, dando-lhe de comer, e que ela se entusiasmava quando ele chegava, e lhe saltava para o colo, pensou com inveja que se fizesse o mesmo seria mais estimado.

Então, quando chegou o dono, pôs-lhe as patas nos ombros e começou a querer lambe-lhe o rosto com a língua.

Espantado, o dono começou a gritar e acudiram os criados que, a poder de muitas pancadas, tornaram a meter o Burro na estrebaria.

Moral da História

Ninguém se meta a mostrar habilidades que a natureza lhe negou. Cante o músico, pratique o letrado, o soldado trate de armas, o piloto de sua arte, e quem quer meter-se nas artes alheias, para ganhar terra e contentar a outrem, ou sairá como este asno espancado, ou o mandarão para a estrebaria.



Fábula LI

O Leão e o Rato

Estando um Leão a dormir, andavam uns Ratos a brincar à volta dele, e, saltando-lhe por cima, acordaram-no.

O Leão prendeu um entre as patas e estava para o matar; mas, devido às súplicas do Rato, acabou por soltá-lo.

Passado pouco tempo, o Leão caiu numa rede onde ficou enleado, sem poder valer-se da sua força. O Rato, sabendo o que acontecera, roeu com afinco os laços e cordéis e soltou o Leão, que se viu livre de perigo em troca da boa ação que praticara.

Moral da História

Duas coisas temos aqui de notar: primeiramente o agradecimento que se deve a qualquer boa ação, e em especial a quem perdoa algum agravo, podendo vingar-se como este Leão podia.

Em segundo lugar, quanto devem os poderosos estimar a amizade de qualquer homem, por muito fraco que seja.



Fábula LII

O Milhafre e a sua Mãe

Estando o Milhafre doente, e receando a morte que via já chegada, rogou a sua Mãe que fizesse por sua saúde romarias aos Santos.

Respondeu ela:

— De boa vontade, filho, as faria; mas temo que não te valham de nada; porque como gastaste a vida toda em malfetorias, e como com o teu esterco sujaste sempre os templos dos Santos, receio que não me queiram ouvir, ainda que lhes rogue pela tua saúde.

Moral da História

É fácil de entender que este Milhafre representa os homens que toda a vida são maus e guardam o arrependimento para a hora da morte. Esta Fábula também ensina quanto risco correm os que ofendem os Santos e bons, e porque é que Justiça divina faz com que às vezes não sejam ouvidos, quando se querem valer deles.



Fábula LIII

A Porca e o Lobo

Estava uma Porca com dores de parir, e um Lobo faminto aproximou-se dela dizendo que era seu amigo, que tinha dó de a ver desamparada e que queria servir-lhe de parteira. A Porca percebeu logo que o que ele queria era comer-lhe os filhos e, dissimulando, disse que não pariria enquanto ele ali estivesse porque era muito envergonhada; por isso que se fosse embora e a deixasse parir, e que depois podia voltar. O Lobo assim fez, mas logo que saiu dali, a Porca também se foi em busca de um lugar seguro onde parir.

Moral da História

O que tem fama de Lobo, quando se faz bondoso há que fugir dele, porque nunca fazem bem por virtude, senão por seu interesse. E destes quem não puder livrar-se por força, deve apartar-se com dissimulações, que tanto estará mais seguro de se queimar, quanto mais longe estiver do seu fogo.



Fábula LIV

O Velho e a Mosca

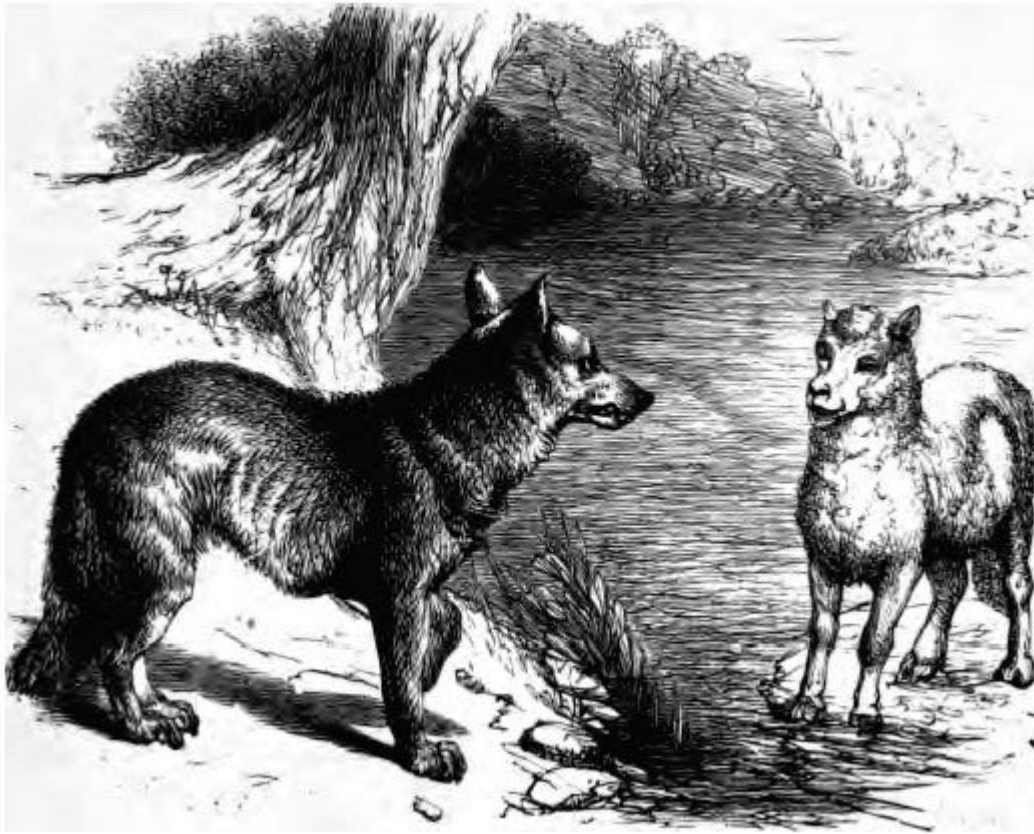
Repousava à soalheira um Velho careca, com a cabeça descoberta, e uma Mosca não fazia outra coisa senão picar-lhe na calva. Acudia logo o Velho com a mão, mas como a Mosca fugia muito depressa, dava em si

mesmo grandes palmadas, de que aquela muito gostava e se ria. Disse o Velho:

— Podes rir-te de quantas vezes eu der em mim, que isso não me mata; mas se uma só vez te acertar, ficarás morta, e pagarás os agravos de ontem e os de hoje.

Moral da História

Há mancebos que a zombar e escarnecer dos homens sérios e sensatos são mais importunos que Moscas, até que o homem, para os castigar, lhes descobre uma falta, com que os deixa mortos de injuriados. Eu por esta Mosca entendo alguns muito zelosos, que trabalham por dar desgostos a senhores poderosos, ou fazem sobranceiras às justiças e escapam muitas vezes, até que alguma vez caem nas suas mãos, e então os fustigam de tal maneira que ficam perdidos de todo.



Fábula LV

O Cordeiro e o Lobo

Andava um Cordeiro entre as cabras, e chegou um Lobo que lhe disse:

— Não é este o teu rebanho, vem comigo, vou levar-te à tua mãe.

Respondeu o Cordeiro:

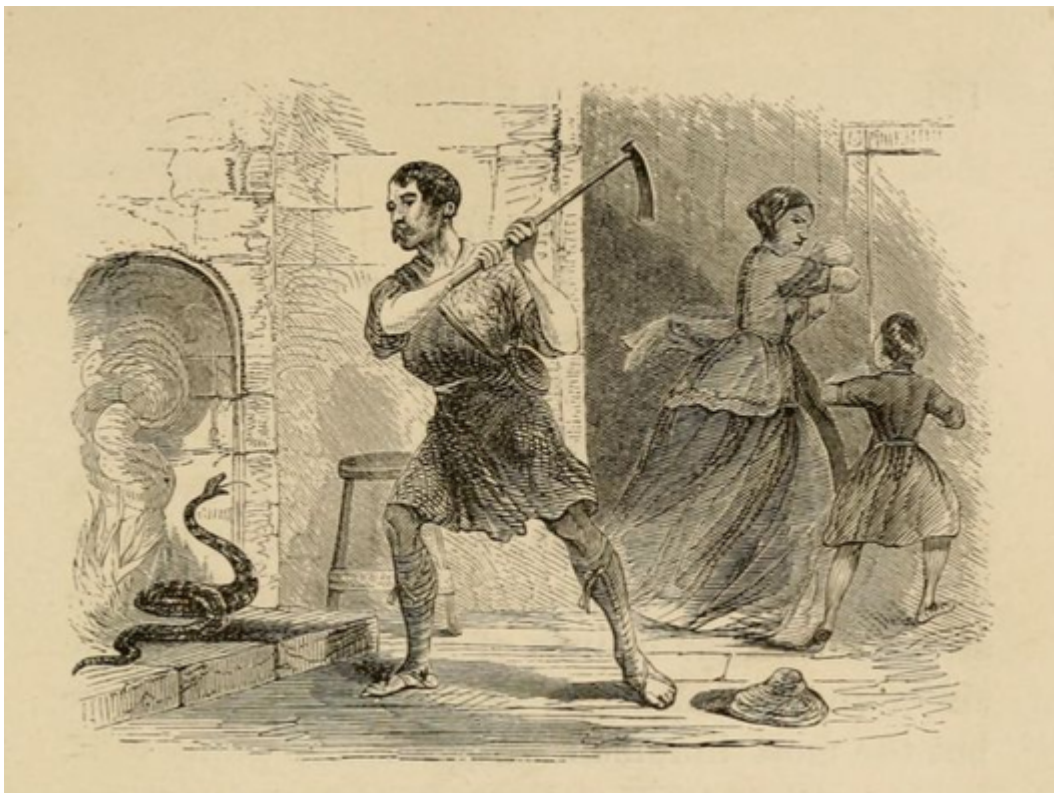
— Não quero, porque esta cabra gosta muito de mim e dá-me mais mimos do que ao seu próprio filho.

— Contudo — replicou o Lobo —, estarás melhor com a tua mãe.

— Bem estou aqui — disse o Cordeiro —, não quero meter-me em aventuras, que por bem que me suceda, não deixará o pastor de me tirar a lã e ficarei a morrer de frio.

Moral da História

Mostra-nos esta Fábula que a companhia dos bons amigos é mais segura que quanto parentesco tem o mundo; que o parente sem amor, nem é amigo nem parente; e o amigo verdadeiro é parente e amigo. Também o Cordeiro nos avisa que quem está bem não deve meter-se em aventuras. Quem está quieto, contente-se com a sua sorte e guarde-se de empiorar.



Fábula LVI

O Homem pobre e a Cobra

Um Homem pobre costumava acarinhar e dar de comer a uma Cobra que tinha em casa, e enquanto assim fez tudo lhe corria bem e a vida melhorou. Depois, em virtude de um desentendimento com a Cobra, fez-lhe uma grande ferida. E vendo que tornava a empobrecer, com muitas palavras e humildade pediu perdão à Cobra. Respondeu a Cobra:

— Eu boamente te perdoo, mas isso não te vai servir para deixares de ser pobre, que esta ferida sempre me há de doer e sempre há de estar pedindo vingança de ti.

Moral da História

Quis Esopo mostrar nesta Fábula o que costumam dizer: a quem ofenderes não lhe creias, porque a memória das ofensas é eterna. Portanto, quem injuriou algum amigo e depois se reconciliaram, entenda que, por muito amigos que pareçam ser e que no exterior mostre não se lembrar nada, lá no mais secreto do coração está guardada muitas vezes a memória da injúria.



Fábula LVII

O Macaco, o Lobo e a Raposa

O Lobo discutiu com a Raposa, dizendo que ela lhe furtara algo. Era juiz o Macaco. A Raposa negou fortemente, discutindo ambos diante do juiz, e cada um revelou as maldades sabia do outro. Depois de o Macaco os ouvir, pronunciou a sentença, dizendo que o Lobo não provara que fora roubado, mas que ele entendera que a Raposa tinha furtado alguma coisa; portanto condenava ambos que ficassem para sempre entre si desavindos e desconfiados.

Moral da História

Natural é maliciosos e mentirosos pensarem que não há homem que seja bom nem verdadeiro; e por estas suspeitas condenarem quantos conhecem e não conhecem. Também mostra esta Fábula que os juízes, para condenar, se regem não pela prova, mas por suspeitas: têm saber de Macaco, que tudo sabe para mal, e não para bem.



Fábula LVIII

O Carvalho e o Junco

O Carvalho, alto e direito, não queria dobrar-se ao vento, e vendo como Junco se maneava facilmente, aconselhava-o que não se dobrasse.

Respondeu o Junco:

— Tu podes resistir, mas eu não, que não tenho raízes compridas nem sou forte como tu és.

Dizendo isto, levantou-se uma ventania, que arrancou o Carvalho com raízes e tudo; mas o Junco, que se dobrou, ficou em pé.

Moral da História

Mostra bem esta Fábula quão sujeitos estão a desastres os soberbos e aqueles que a ninguém querem dobrar-se, e, por outra parte, que segura é a humildade; porque os que sofrem com discrição e obedecem aos tempos, ainda que pareçam juncos fracos, permanecem mais que os soberbos.



Fábula LIX

A Formiga e a Cigarra

No inverno, quando a Formiga tirava o trigo da sua cova para o secar ao sol, apareceu a Cigarra com as mãos postas e pediu-lhe que repartisse com ela, que morria à fome. Perguntou-lhe a Formiga que fizera no verão, porque não guardara alimento para se manter? Respondeu a Cigarra:

— O verão passei-o a cantar e em brincadeiras pelos campos.

A Formiga, então perseverando em recolher o seu trigo, disse-lhe:

— Amiga, pois se os meses de verão gastaste em cantar, bailar é comida saborosa e com gosto.

Moral da História

Notório é significar-se pela Formiga o homem trabalhador, diligente e providente. Portanto esta Fábula ensina-nos que sejamos como a Formiga e não confiemos no que outrem nos há de dar ou emprestar; que com razão se pode negar tudo ao preguiçoso, se é como a Cigarra afeiçoado à música e a passatempos. Porém trabalhar e guardar é caminho certo para não depender de ninguém.



Fábula LX

O Caminhante e a Espada

Um Caminhante achou uma Espada muito bem ornamentada no meio da estrada e perguntou-lhe quem a perdera e a deixara ali. A espada calou-se e ficou quieta. Depois, sendo outra vez questionada, respondeu:

— Ninguém me perdeu a mim, ainda que me vejas lançada neste chão, antes eu fiz perder muita gente. Dando ocasiões a brigas, matei alguns homens, de que resultou ficarem perdidos os matadores, e os mortos mais perdidos ainda se não estavam em graça, porque caminharam para o Inferno.

Moral da História

Por esta espada entendo os homens desalmados que enganam a gente moça por maus respeitos, levando-a a casas de jogo e outras piores, desviando-as da obediência de seus pais; porque estes matam mil vezes famas, honras, fazendas alheias e também vidas e almas daqueles que a eles se juntam.



Fábula LXI

O Burro e o Leão

Encontrando-se num caminho um Burro com um Leão, disse o primeiro:

— Subamos a um outeiro, que quero que vejas como os outros animais têm medo de mim.

O Leão riu-se e foi com ele. O Burro zurrou e fez fugir grande número de lebres, coelhos, raposas e outros semelhantes. Disse então ao Leão:

— Que te parece? Vês o medo com que fogem de mim?

— Fogem de ti os fracos — respondeu o Leão —, que são os que têm medo de te ouvir bradar; mas eu sem brados desfaço os mais valentes com as minhas mãos; pelo que de nenhum nem de ti tenho temor.

Moral da História

Certo é, nos que querem mostrar-se valentes, deitarem brados e bravatas entre gente pacífica, para com eles espantarem homens fracos e muito ordeiros; mas o verdadeiro valente não se mede pelos gritos; é pelas obras, e não pelas palavras, que se conhece cada um. Não é na boca que está a valentia, mas sim no coração, e nos braços parece-se o homem com o Burro ou com o Leão.



Fábula LXII

A Gralha e a Ovelha

Uma Gralha ociosa pousou no pescoço de uma Ovelha, e ali a repelava e lhe tirava a lã, picando-a por entre ela. A Ovelha virou o rosto, dizendo:

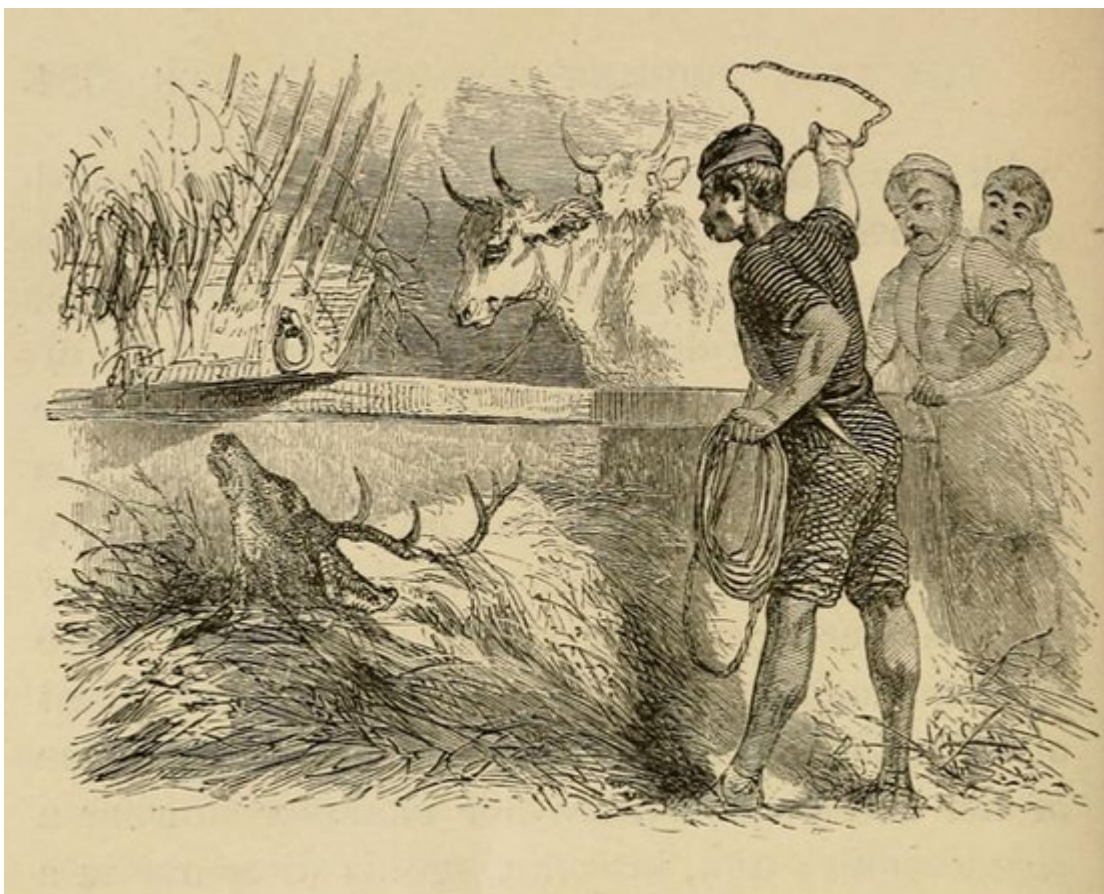
— Este vício ruim e antigo haverás de perder no dia em que picares um rafeiro no pescoço e ele te matar sem esforço.

Respondeu a Gralha:

— Já sou muito velha e sabida, sei quem posso importunar e quem devo acarinhar. Não temas que me ponha no pescoço do cão, senão no teu, que não me podes fazer mal.

Moral da História

Esta Galha significa alguns malandros, que andam sempre a molestar com ações e palavras os homens de bem e pacíficos; mas quando encontram algum mais forte que eles, encolhem os ombros e passam com cumprimentos; porque com Ovelhas são Galhas, e com Rafeiros são Ovelhas.



Fábula LXIII

O Boi e o Veado

Um Veado, para escapar de um caçador, fugiu para a vila, e entrando cheio de medo numa estrebaria, encontrou um Boi, a quem perguntou se podia esconder-se ali.

Disse-lhe o Boi que o mais certo era morrer e que antes deveria regressar à floresta, mas mesmo assim escondeu-o e cobriu-o de palha. Quando chegou dono da estrebaria, viu no meio da palha a armação do Veado. Afastando a palha, acabou por descobri-lo.

Mas disse-lhe:

— Já que de tua vontade vieste à minha casa, não te quero matar, senão defender-te e tratar-te muito bem.

Moral da História

Muitos, na pressa de fugirem da sertã, caem nas brasas; mas há alguns afortunados, como este Veado; e afortunado é quem, sendo perseguido, tem a sorte de se acolher em casa de Fidalgo, que o não seja só no nome; porque esse, ainda que por um lado deseje beber o sangue daquele que se vale de sua casa, obrigado pelo seu pundonor, salva-o e favorece-o, deixando ódios de parte para guardar pontos de honra.



Fábula LXIV

O Homem e o Leão

Andando um Leão à caça, espetou um espinho no pé, que o não deixava andar. Encontrou um Homem e mostrou-lho para que lho tirasse. O Homem assim fez, e o Leão, como agradecimento, deixou de caçar nas suas terras.

Dali a muito tempo este Leão foi convidado para certas festas e nelas se lançavam homens para que os matassem. Entre estes lançaram-lhe o Homem que o curara e que estava preso por algumas culpas. Porém o Leão não só o não matou, como se pôs em sua guarda e o acompanhou toda a vida, caçando para ele.

Moral da História

Não é só Fábula a de cima, mas história verdadeira, contada por Apino Políbio Grego, e também Aulo Gélio nas noites Áticas, e ainda Baptista Fulgoso no quinto Livro. Todos dizem que o homem era cativo e se chamava Andronico. Deste Leão, não fabuloso mas verdadeiro, podemos aprender a ser agradecidos a quem nos faz bem, pois vemos que um bruto tão feroz mostra tamanho agradecimento. Pela mesma ocasião dizem que S. Jerónimo teve também um Leão, que lhe servia de carga e companhia.



Fábula LXV

O Lobo e a Raposa

Um Lobo precavido abasteceu muito bem o seu covil de mantimentos. Passado um tempo, a Raposa foi ter com ele e disse que muito o admirava e que estava ansiosa por vê-lo e servi-lo.

— Não quero o teu serviço — disse o Lobo —, que a tua intenção não é outra senão roubar-me e comeres-me o que tenho.

A Raposa, vendo-se descoberta, procurou quem matasse o Lobo e tomou posse do seu covil e de quanto nele havia, mas vieram uns caçadores, foi achada pelos cães e feita em pedaços.

Moral da História

Na morte desta Raposa declara-se o fim que merecem os que desejam e procuram a morte de seus parentes para herdar deles. Esses, se chegam a alcançar o que pretendem por meios tão ilícitos, as mais das vezes não o gozam, e muitas o perdem com a vida e a honra, porque o mal adquirido, dizem os Latinos, por entre as mãos escorrega.



Fábula LXVI

O Leão e outros Animais

Eleito rei de todos os animais, o Leão prometeu a nenhum fazer mal.

Mas logo os mandou reunir, pô-los por ordem, e deu-lhes a cheirar o seu bafo. Aos que diziam que lhes cheirava mal, matava-os. Aos que diziam que cheirava bem, feria-os.

Procedendo assim, chegou à Macaca, e perguntou-lhe, como a todos, se o bafo lhe cheirava mal. A Macaca cheirou-o, e disse que não, pensando que assim se salvaria. Porém o Leão, para a matar, fingiu-se doente e disse que só se curaria se a comesse. E com esta artimanha arranjou maneira de a matar.

Moral da História

Por mais prudente que o homem seja não consegue livrar-se do Rei tirano, porque quer fale ou não fale, ou diga bem dele ou mal, lá se há de arranjar uma ocasião de o destruir, e como pode e quer, faz tudo a seu proveito.



Fábula LXVII

O Veado e o Caçador

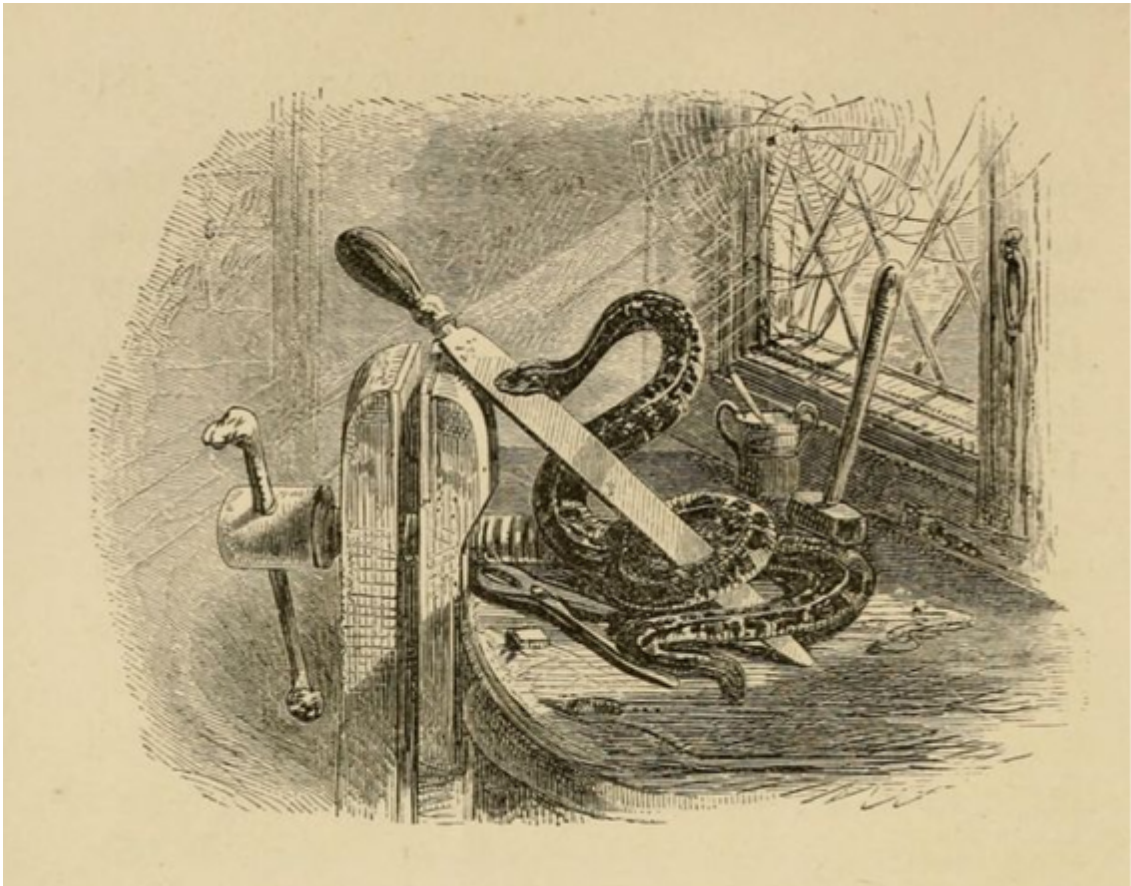
Estando um Veado a beber numa ribeira, viu nela refletidos os seus cornos e armação e as pernas delgadas; as pernas mal pareceram-lhe, e ficou pesaroso de as ter, mas por outro lado ficou tão satisfeito com a formosura dos cornos, que se fez soberbo de contente. Ainda não tinha saído da água, quando se apercebeu de um Caçador. Foi obrigado a valer-se dos pés, que pouco antes desprezara e que agora o punham a salvo. Mas entrando por um arvoredado denso, embaraçavam-se-lhe os cornos nos ramos das árvores, com o que se atrapalhou e foi apanhado. Vendo-se preso e ferido, disse então:

— Que grande parvo fui; desprezei o que me era útil, fazendo muito caso do que me causou a morte.

Moral da História

A cegueira deste Veado sofrem-na todos os que têm bem-aventurança em haver coisas, que depois de alcançadas, ainda que no princípio nos alegrem, são depois causa da nossa destruição.

Portanto aprendamos a pedir a Deus que nos dê coisas com que o sirvamos e nos salvemos; porque ele sabe o que para cada um é bom, e nós não sabemos nada.



Fábula LXVIII

A Serpente e a Lima

Uma Serpente, procurando algo para comer na oficina de um ferreiro, encontrou uma Lima e quis roê-la, mas como os dentes não entravam pelo aço, dava-lhe muitas voltas virando-a de todos os lados. Cansada de andar aos tombos, a Lima disse-lhe:

— Que fazes, parva? Não sabes que sou uma Lima e que sou de ferro? Por muito que trabalhes desfarás os dentes; eu, com os meus de aço bem temperado, cortarei em pouco tempo dentes e qualquer arma a quem chegar.

Moral da História

Dois valentes fogem sempre de brigar, e um mau poderoso guarda-se de pelejar com outro poderoso mau. Que entre iguais é a briga duvidosa. Com os menores cada um quer ser lima e ser serpente. Nos grandes ninguém ousa meter dentes, porque também os têm para morder, e dizem que de corsário a corsário não se perde mais que a monção.



Fábula LXIX

Os Carneiros e o Carniceiro

Estando juntos uns Carneiros, chegou o Carniceiro, mas eles não se alvoroçaram nem fizeram caso disso. O Carniceiro pegou num e logo o matou; e nem ao ver sangue os outros tiveram medo. O Carniceiro continuou e matou todos os Carneiros um a um até ao último, que, vendo-se manietado, disse:

— Com razão padecemos, pois vendo o nosso mal não quisemos entendê-lo. No princípio, poderíamos ter-nos defendido às marradas, vendo que nos matavam, mas não quisemos; agora eu sozinho não posso; e assim acabámos todos.

Moral da História

Diz o provérbio português que quando arderem as barbas de teu vizinho, lances as tuas de molho. Quem nos perigos alheios não se avisa, não é avisado; que males alheios bem notados são doutrina proveitosa para o prudente; mas quem o é tão pouco que se deixa ir pelo caminho por onde vê que se perdem todos, este tal se perderá por sua culpa e morrerá como o Carneiro.



Fábula LXX

O Lobo e o Burro doente

Estando o Burro maldisposto, foi o Lobo visitá-lo, fazendo-se muito seu amigo. Tomou-lhe o pulso, passou-lhe a mão pelo rosto e disse que queria curá-lo. O Burro estava quieto, bem desejoso de se ver a cem léguas do Lobo, o qual lhe apalpava os membros todos. Perguntou onde lhe doía, e apertava-o e arrebelava-o tanto, que disse o Burro:

— Onde quer que me pões a mão, logo aí me dói; mas rogo-te que te vás embora e que não me cures, que quanto tu te fores, ficarei logo bom.

Moral da História

Nunca são os maus tão peçonhentos como quando encobrem a peçonha debaixo de mostras de amor. Porque afinal o Lobo é sempre mau; mas quando afaga é pior; e mostras de piedade no homem cruel são laços que arma para destruir o Burro que se fia nele.



Fábula LXXI

A Pulga e o Camelo

Pôs-se uma Pulga em cima de um Camelo carregado, e deixou-se ir em cima da carga durante a jornada, no fim da qual saltou abaixo e, sacudindo-se, disse:

— Ainda bem que desço, porque tinha pena de ti; agora irás leve com pouca carga.

O Camelo riu-se deste cumprimento e respondeu:

— Nunca senti que te levava em cima, nem tu podes carregar-me nem aliviar-me pois não tens peso para isso. A carga que eu levo, essa sinto. Tu não tens peso para te sentirem.

Moral da História

Há homens leves como pulgas que, por se mostrarem de muita importância e íntimos de senhores, não fazem senão entrar e sair de suas casas e tomam a mão a outros, que vão como os Camelos carregados de negócios, somente para meterem na cabeça de quem sabe pouco deles que são tidos em conta ou que prestam para alguma coisa.



Fábula LXXII

O Caçador e as Aves

Estava um pobre Caçador a consertar as suas armadilhas, e as Aves, observando-o, cantavam à sombra das árvores elogiando-lhe a perícia. Um pássaro velho e experiente disse aos outros:

— Fugamos logo todos, porque este que vedes apenas nos quer apanhar e prender. Andemos pelo ar, até ver o que acontece; porque este e todos como ele, a quantos de nós deitarem as mãos, ou nos torcem o pescoço ou no-lo cortam, e mortos ou presos nos metem na sua bolsa.

Moral da História

Semelhantes a estas aves são os que não conhecem o seu mal senão quando caem nele. Mas o pássaro velho significa qualquer homem sensato de experiência, cujo conselho bem recebido muitas vezes livrou gente da morte, e Cidades ou Províncias inteiras de total destruição.



Fábula LXXIII

O Cervo e o Cavalo

O Cervo e o bom do Cavalo lutaram algumas vezes sobre o pasto, e como o Veado com os cornos fazia sempre fugir o Cavalo, este foi ter com um Homem e disse-lhe:

— Põe-me um freio e uma sela e sobe para cima de mim, e matarás um Veado que aqui anda.

O homem assim fez. Morto o Veado, quis o Cavalo que ele se apeasse; mas o Homem já se habituara à sua posse e o Cavalo ficou sempre

sujeito ao freio e à sela, e a andar debaixo.

Moral da História

Esta Fábula é reproduzida por Horácio no primeiro livro das Epístolas e declara entendendo pelo Cavalo aquele que para comer ou levar vantagem sobre outro aceita servir alguém, pelo que ficará sempre servo por não se contentar com que lhe bastava.



Fábula LXXIV

O Abutre e mais Pássaros

O Abutre convidou para um banquete todas as outras aves, dizendo que queria festejar o seu natal. Muitas acederam ao convite e o Abutre recolheu-as todas num aposento. À hora de cear, estando todas sentadas à espera, vem o Abutre, fecha as portas e começa a matá-las uma a uma. Todas esvoaçavam com medo, por não haver nenhuma que se atrevesse com ele. E por fim o impiedoso Abutre matou-as todas, porque para isso as convidara, ou ao menos para as pilhar.

Moral da História

Quando ricos e poderosos fazem aos pequenos mais honra do que habitual, ou os convidam com lisonjeios e lhe oferecem uma cadeira grande fora do costume, por certo tenham que ou saem mortos ou pelados.

Porque esses normalmente não estimam os outros senão para seu proveito, para se servirem ou das pessoas ou das fazendas.



Fábula LXXV

A Raposa e o Leão

O Leão, fingindo-se doente, recebia a visita dos outros animais; e de quantos entravam no covil, nenhum deixava sair. Eles obedeciam como a um rei, mas o Leão, a um e um, comia-os todos. Por fim chegou a Raposa à porta do covil e perguntou-lhe como estava.

Respondeu o Leão porque não entrava para o ver. Respondeu a Raposa que não era necessário, que devia estar a casa cheia de gente; que ela via muitas pegadas dos que entravam, e nenhuma de que saíssem para fora.

Moral da História

Também Horácio explicou esta Fábula comparando-se a si mesmo com a Raposa, dizendo que não queria seguir os vícios dos Romanos, porque viu como nenhum escapava do castigo.

Serve-nos por isso de aviso, pois vemos por experiência os males sem remédio em que incorrem os homens incautos, que perseveram em seus erros. Fugamos nós, como fez esta Raposa, de seguir as suas pegadas, não nos aconteça outro tanto.



Fábula LXXVI

O Carneiro grande e os Pequenos

Três Carneiros jovens e um mais velho andavam a pastar. O mais velho desatou de súbito a fugir. Os outros estavam pasmados, sem saber a causa, e como não entendiam o perigo, riam-se do medo e da fuga do Carneiro, o qual vendo a sua troça, disse:

— Vós sois loucos e ignorantes; não vedes que quando vem o carniceiro mata sempre os maiores? Eu por isso fujo. Mas quando ele vier e vos matar, lamentareis o terdes escarnecido e esperado.

Moral da História

É habitual néscios e cobardes zombarem de sensatos e esforçados, e os menores dos maiores, porque como os grandes arriscam mais nos perigos, procuram com sensatez proteger-se deles. Mas os ignorantes, como não consideram isso sensatez, mas cobardia, nem entendem as coisas, como carneiros mamões, zombam simplesmente dos homens sensatos.



Fábula LXXVII

O Leão e o Homem

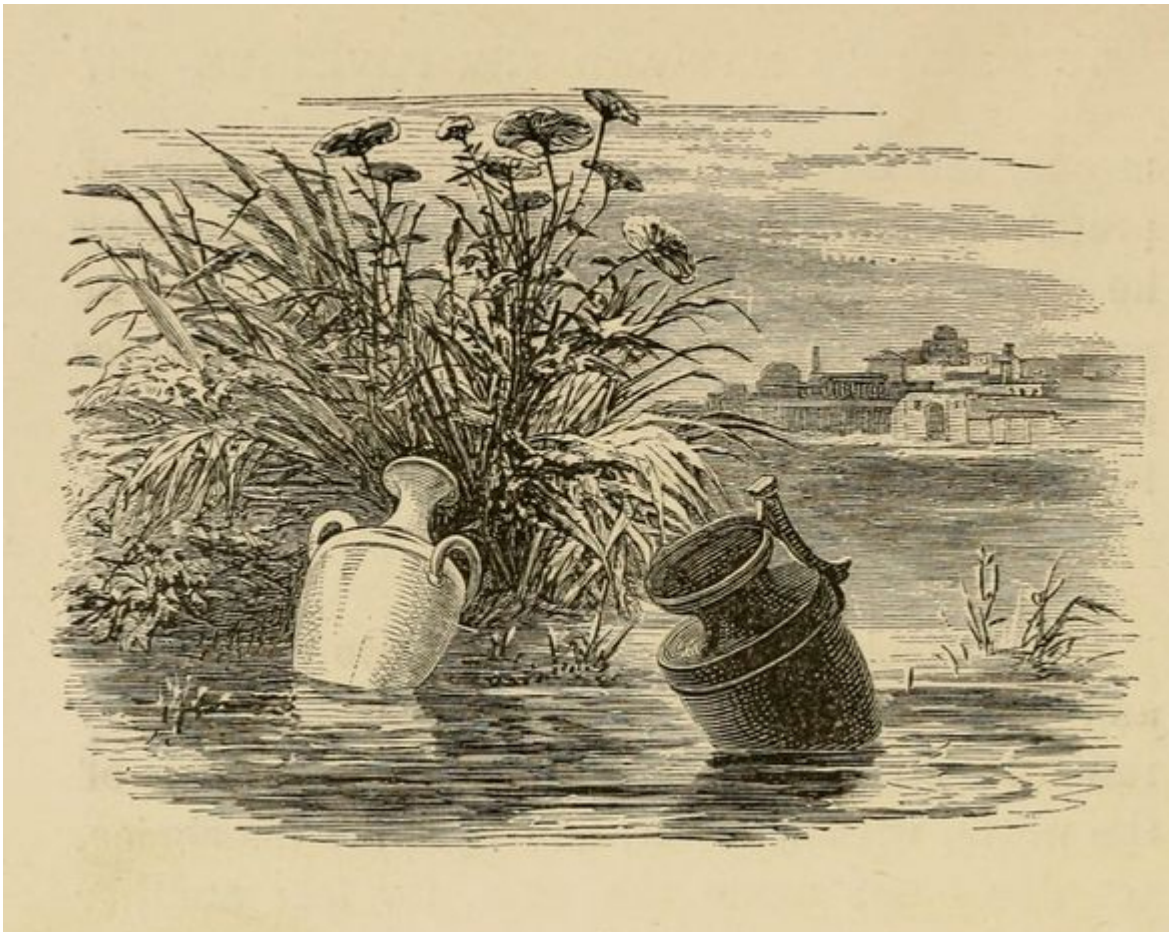
O Homem e o Leão discutiam sobre qual era mais valente. O Homem, para provar a sua ideia, levou o Leão a um túmulo, onde estava uma estátua de um homem a estrangular um Leão, que tinha debaixo de si. O Leão riu-se ao ver isto, dizendo:

— Se não fosse um homem a pôr isto aqui, ainda podia ter algum crédito, mas sendo homem é suspeito. Portanto, deixemos as esculturas e provemos isto pelo braço.

E dito isto logo deitou o Homem ao chão e matou-o com muita facilidade.

Moral da História

Mostra esta Fábula que é coisa perigosa querer, com palavras ilusórias, contradizer a sólida verdade; porque fazendo-se depois prova, fica a mentira manifesta, e, quem a defendia, morto e injuriado; que a injúria é no homem digna de se sentir, e achar-se nele que nega maliciosamente a verdade.



Fábula LXXVIII

A Panela de barro e a de cobre

Uma corrente de água levava duas panelas, uma de cobre e outra de barro, e cada uma ia por seu lado. Disse a de cobre à outra:

— Cada uma de nós isoladamente não tem força para resistir à água, mas chega-te a mim e ambas poderemos resistir-lhe.

— Não quero — disse a de barro —, nem daí me vem qualquer benefício, porque se na água tu me deres uma pancada, ou eu ta der a ti,

de qualquer maneira tu ficarás sã, e eu far-me-ei em pedaços.

Moral da História

Quem se junta com homem mais poderoso corre grande risco, porque os poderosos são de cobre e os pobres de barro, e a corda quebra sempre pelo mais fraco. E se dois poderosos têm brigas, e depois querem concertar-se, fazem tão pouco caso da honra dos pobres que os ajudaram nelas que muitas vezes fazem concertos, como fez Augusto com Lépido e Marco António, que, para se vingarem dos seus inimigos, cada um entregou os seus amigos à morte.



Fábula LXXIX

O Áspide e o seu Hóspede

Um bicho peçonhento chamado Áspide recolheu-se em casa de um Homem, que o agasalhou e alimentou durante alguns dias. O bicho estava prenhe e pariu ali, e um dos filhos mordeu um filho do homem, provocando-lhe a morte. O Áspide, que viu o homem chorar à sua frente, matou todos os filhos, saiu de casa e nunca mais regressou.

Moral da História

Esta Fábula é apresentada como verdadeira por Baptista Fulgoso no quarto Livro, e com o exemplo deste bicho repreende os que não são agradecidos aos benefícios que recebem; pois um bichinho irracional e de natureza feroz mostrou a quem lhe fez bem tão grande agradecimento.



Fábula LXXX

O Cão e o seu Dono

O Cão de um Hortelão chegou a um poço, e como no fundo viu a sua imagem refletida, encantou-se com ela. Tantas vezes deu mirando-se na água, que caiu no poço.

Andava o Cão meio afogado quando chegou o Hortelão que, com pena dele, desceu ao fundo do poço para o tirar. Mas quando lhe pegou, o Cão meteu-lhe os dentes no braço e mordeu-o. O Hortelão largou-o com a dor, e o Cão daí a pouco afogou-se.

Moral da História

Por este Cão se entende o pecador, que quando alguém com bons conselhos o quer tirar do poço dos pecados, vira-se e morde-o; mas o que ganha é que seu ajudador o larga, e se Deus não lhe acode afoga-se, e acaba em seus vícios, para ir começar a pagá-los no Inferno.



Fábula LXXXI

A Raposa e a Doninha

A Raposa andava cheia de fome e por um buraco na parede conseguiu entrar numa despensa, onde já se encontrava uma Doninha. Vendo tamanha abundância de alimentos, a Raposa comeu quanto quis, e engordou de tal maneira que já não conseguiu sair por onde entrara. Disse-lhe então a Doninha:

— Se não gostas de te ver presa, torna a adelgaçar, e poderás sair.

Disse-lhe a Raposa:

— Tens razão, e antes quero passar fome do que estar presa.

Moral da História

O homem, quanto mais tem, mais preso está e mais sujeito é. O pobre pode entrar e sair sem dificuldade, e se não come tanto, tem maior liberdade, a qual por nenhuma fartura deve trocar o homem sábio.



Fábula LXXXII

A Nora e a Sogra

Havia uma mulher casada que se dava muito mal com a sogra. Um dia alguém ofereceu a esta mulher uns doces, entre as quais vinha uma mulher feita de açúcar. E disse quem os trazia que aquela era a figura da sua sogra. A mulher partiu uma migalha, que meteu na boca, e tornando-a a cuspir, disse:

— Basta que é sogra, que até de açúcar amarga.

Moral da História

Esta fábula humana, além de mostrar coisa tão ordinária como é o ódio entre noras e sogras, também nos ensina quão má coisa é o ódio, pois faz com que o açúcar pareça fel. Como se vê muitas vezes, quando um inimigo faz uma boa ação a outro, ele não a quer aceitar, antes a despreza e a considera ruim.



Fábula LXXXIII

O Burro e a Cobra

Como recompensa por um serviço prestado, os homens pediram a Júpiter a eterna juventude, o que ele concedeu. Pegou na juventude, pô-la em cima de um Burro e mandou que a levasse aos homens.

Indo o Burro no seu caminho, chega a um ribeiro com sede, onde estava uma Cobra que disse que não o deixaria beber daquela água se não lhe desse o que levava às costas. O Burro, que não sabia o valor do que transportava, deu-lhe a juventude a troco da água. E assim os homens continuaram a envelhecer, e as Cobras renovando-se a cada ano.

Moral da História

Esta Fábula mostra que as coisas de importância não se entregam a homens parvos, porque uma cobra manhosa com qualquer coisa os vence e faz com que descubram o segredo alheio ou desbaratem os negócios que lhes são entregues, cujo peso e importância não entendem.



Fábula LXXXIV

O Corvo e o Escorpião

Ao sair da sua toca, um Escorpião foi visto por um Corvo, que rapidamente se abateu sobre ele e o levou nas unhas. Depois de voar um bocado, para comer o que caçara, pousou-o no chão; mas o Escorpião picou o Corvo de maneira que o matou, e ele foi livre e em paz.

Moral da História

Este Corvo representa os que, como diz o adágio, vão buscar lã e regressam tosquiados. Assim acontece muitas vezes que quem arma a ratoeira cai nela, e o que ordena a traição morre em poder de traidores.



Fábula LXXXV

O Ladrão e o Anjo

Um Ladrão, enquanto dormia encostado a uma parede, viu nos sonhos um Anjo que o acordava, dizendo: «Levanta-te e vai-te daqui.» O Ladrão acordou e, afastando-se da parede, viu-a de súbito cair ao chão. Devido a este acontecimento, o Ladrão ficou muito alegre e orgulhoso, crendo que Deus o protegera devido à sua virtude. Mas na noite seguinte, ao adormecer, voltou a ver o Anjo, que lhe dizia: «Não te envaideças, que se ontem te guardei, foi porque não era aquela tua morte, senão a da força, para a qual estás guardado.»

Moral da História

À força do Inferno vão parar os que, das mercês que Deus lhes faz, tomam ocasião de o ofender e serem mais soberbos. E esta fábula avisa-nos e ensina que a muitos favorece a fortuna por seu mal. Muitos vivem, que lhes fora melhor morrer. Pelo que um filósofo, escapando de uma casa que se arruinou e matou muita gente, disse com humildade: «Ó ventura!, para que ocasião me terás guardado?»



Fábula LXXXVI

A Serpente e o Cabrito

Uma Cabra que andava a pastar com o filho pisou sem querer uma Serpente com os pés. Esta, assanhada, levantando-se um pouco, picou a Cabra numa teta; mas como o filho logo viesse a mamar, e chupasse com o leite o veneno da Serpente, salvou a Mãe, e ele morreu.

Moral da História

Mostra-se nesta Fábula como muitas vezes nesta vida acontece pagar o justo pelo pecador, como aqui pagou o filho pela Mãe, e muitos filhos são temporalmente castigados pelos pecados dos Pais. Por vezes o mundo é tão contrário aos justos que, como diz o Poeta, mata as pombas e cria os corvos; quer dizer: sustenta aos maus e persegue os inocentes.



Fábula LXXXVII

A Raposa e o Leão

Tinha a Raposa o seu covil bem fechado e estava lá dentro a gemer, porque estava doente; chegou à porta um Leão e perguntou-lhe como estava, e que a deixasse entrar, porque a queria lambar, que tinha virtude na língua, e lambendo-a, logo havia de sarar.

Respondeu a Raposa de dentro:

— Não posso abrir, nem quero. Creio que a tua língua tem virtude; porém é tão má vizinhança a dos dentes, que lhe tenho grande medo, e portanto antes quero sofrer com o meu mal.

Moral da História

Avisa-nos esta raposa que quando nos oferecem alguma coisa boa, notemos as circunstâncias dela, que às vezes são tais que custam muito mais do que vale a obra pia.



Fábula LXXXVIII

Hércules e os Pigmeus

Na terra dos Pigmeus, gente que não chega a medir dois palmos, estava Hércules a dormir à sombra de uma árvore com a sua maça ao pé e a pele do Leão à cabeceira. Juntaram-se muitos Pigmeus apostados em matá-lo, e foram pegar nele, de modo que acordou. Simplesmente enxotando-os com a pele do Leão, como quem enxota mosquitos, Hércules matou grande número deles e tornou a adormecer.

Moral da História

Alciato pôs esta fábula nos seus emblemas. Entende pelos Pigmeus as pessoas temerárias, que não medindo as forças, se propõem fazer coisas maiores do que conseguem, daí resultando que ou morrem estupidamente ou ficam para sempre prejudicadas.



Fábula LXXXIX

O Caçador e a Víbora

Andava um Caçador a armar laços aos Gaviões, e com o arco também ia caçando tordos. Aconteceu que, trazendo o sentido e os olhos nas árvores, pisou, sem querer, uma Víbora com o pé, a qual o mordeu no calcanhar, que inchou logo.

Estando assim condenado, disse:

— Morro, e com razão me castigou a Víbora, porque estando na terra quem podia matar-me, eu me ocupava em querer matar os que

andavam nas nuvens.

Moral da História

Nesta Fábula do Caçador se depreende a vaidade dos Astrólogos, que querem adivinhar as coisas do Ceu não entendendo, pela maior parte, as da terra, e gastam o tempo em querer com o entendimento caçar e saber as mortes alheias, e nunca entendem a sua nem sabem guardar-se dela.



Fábula XC

A Cigarra e a Andorinha

A Andorinha criava os seus filhos, e, buscando-lhes de comer, apanhou uma Cigarra com o bico. Pediu-lhe ela que a soltasse alegando que eram semelhantes, porque ambas eram músicas e ambas cantavam somente no verão.

— Pois só por isso — disse a Andorinha —, porque tu me arremedas, te mataria eu, ainda que os meus filhos não tivessem necessidade.

Moral da História

Prova-se nesta Fábula que o oficial de teu ofício é teu inimigo.



Fábula XCI

O Soldado e a Corneta

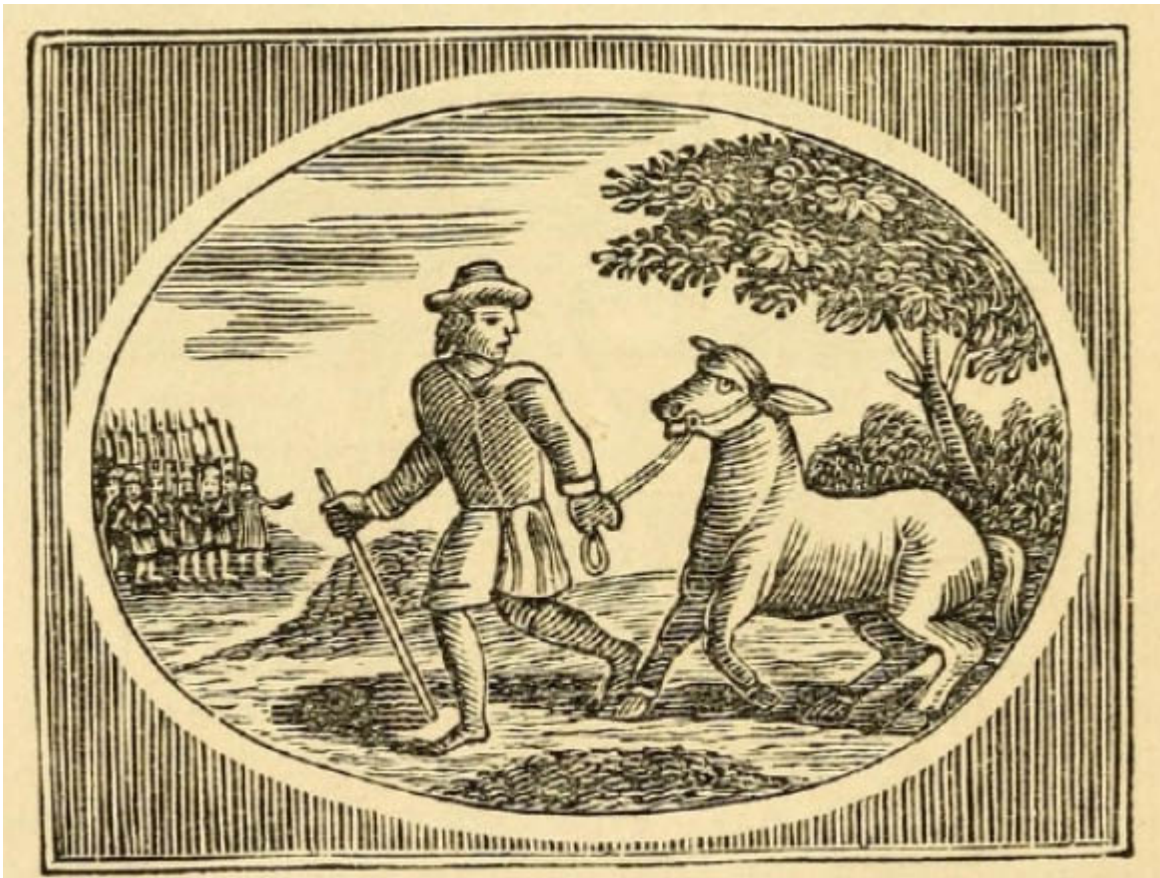
Um velho Soldado, aposentado e cansado da guerra, decidiu queimar todas as armas que tinha; tinha no meio delas uma Corneta, que lhe suplicou que não a queimasse, dizendo que ela não era arma nem instrumento de matar ou ferir, pelo que não merecia castigo.

— Tu a mereces o maior — respondeu o Soldado — e a ti hei de queimar primeiro; porque não prestando tu para lutar, atiçavas os outros a que se matassem na guerra.

E logo a queimou com as armas.

Moral da História

Na figura da Corneta mostra-se o castigo que merecem alguns cobardes, que urdem brigas com a língua e tomam o ofício do Diabo, tecendo intrigas e incitando ao mal, gente perniciosa na República, e cujos delitos que por sua causa se fizerem deverão ser castigados a dobrar.



Fábula XCII

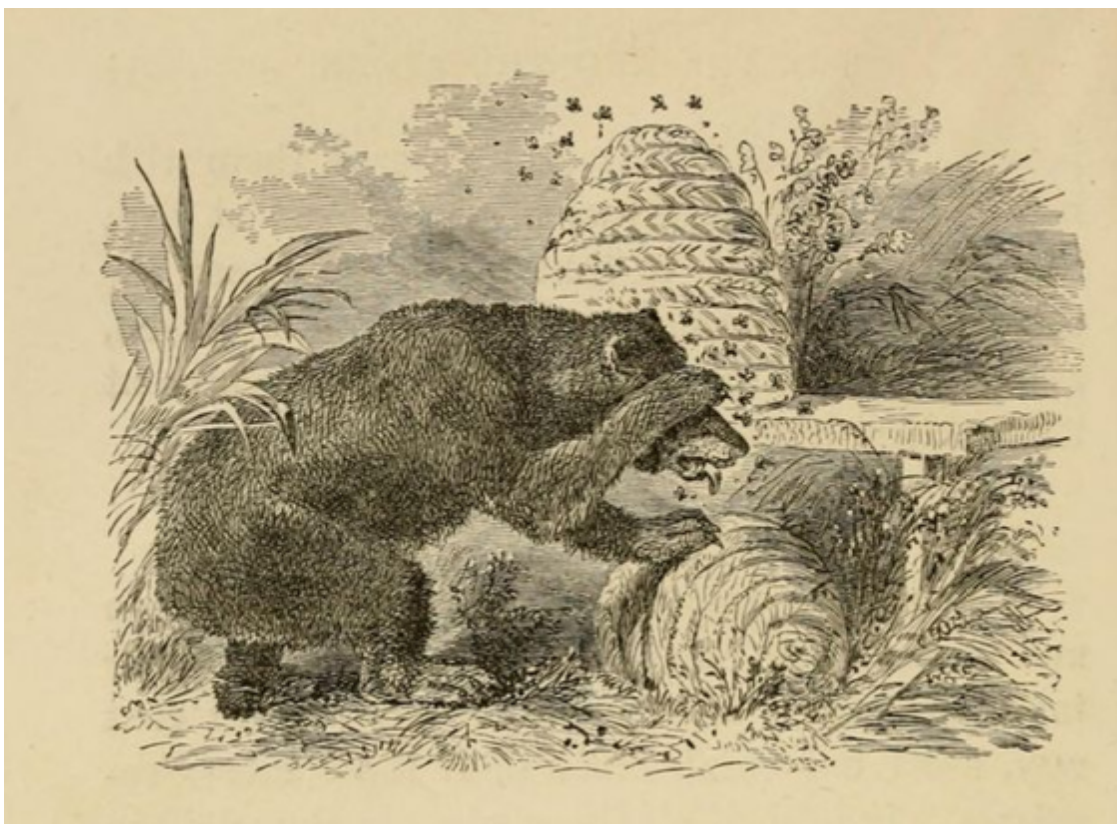
O Homem e a Burra

Um Homem trabalhador cavava uma horta de noite e de dia para plantar couves e outra hortalça, e, mal estas cresciam, metia lá dentro uma burra que não fazia senão comer-lhas, pelo que, apesar de todo o seu trabalho, era cada vez mais pobre. Queixando-se disto a um vizinho, este respondeu-lhe:

— Tu és cego. Tudo o que trabalhas to come a burra. Trabalha menos, guarda a tua hortalça, e verás o fruto do teu trabalho.

Moral da História

Nesta Fábula se mostra o que acontece ao homem amancebado ou casado com mulher esbanjadora. Cava e transpira, e ela consome-lhe tudo. Do que o vizinho lhe aconselhava podemos aprender a fugir de más mulheres e a olhar pelas fazendas os que as têm próprias e quem lhas desbarate, se queremos que ver os frutos do nosso trabalho.



Fábula XCIII

O Urso e as Abelhas

Um Urso procurava, por entre as árvores, pequenos frutos silvestres para comer quando encontrou, junto de uma árvore caída, uma colmeia de abelhas.

O Urso, com bastante cuidado, começou a farejar em volta da colmeia tentando descobrir se as abelhas estavam em casa e se poderia, em segurança, regalar-se com o precioso favo de mel. Nesse preciso momento, uma das abelhas estava a regressar do campo, onde fora colher néctar das flores. Adivinhando aquilo o Urso pretendia, a abelha

voou até ele e deu-lhe uma ferroadada, desaparecendo em seguida na colmeia.

O Urso, com a dor da ferroadada, ficou furioso e atacou a colmeia com unhas e dentes, disposto a destruir o ninho das abelhas. Mas isso apenas fez enfurecer todos os seus pequenos habitantes, e pobre Urso teve de fugir o mais depressa que pode em direção a um pequeno lago, onde mergulhou para se pôr salvo do ataque das abelhas.

Moral da História

Mais vale sofrer uma pequena injúria em silêncio que dar azo a um milhar com um ataque de fúria.



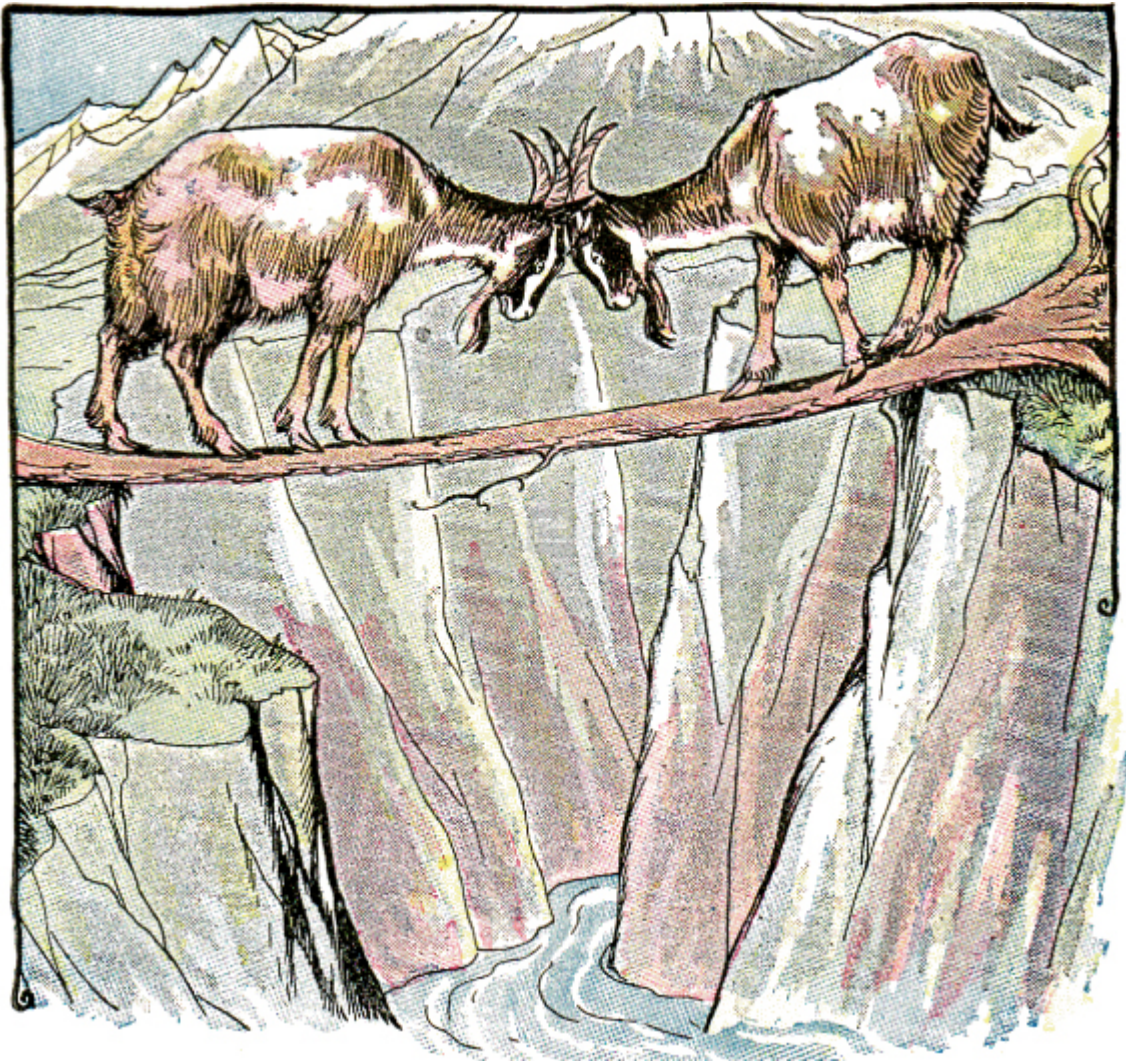
Fábula XCIV

O Cão na Manjedoura

Estava um cão a dormir na manjedoura quando chegaram do campo os bois para comer. Acordando, o Cão começou a rosnar, não deixando os bois aproximarem-se do feno da manjedoura.

Um dos bois disse então para os companheiros:

— Que cão tão estouvado; nem come o feno nem deixa os outros comê-lo.



Fábula XCV

As Duas Cabras

Duas Cabras, brincando alegremente sobre as pedras na parte mais alta de um vale montanhoso, encontravam-se separadas por um abismo, em cujo fundo corria um caudaloso rio que descia das montanhas. O tronco de uma árvore caída era o único e estreito meio de atravessar de um lado para outro do despenhadeiro, e nem mesmo dois pequenos

esquilos seriam capazes de cruzá-lo ao mesmo tempo com segurança. Aquele estreito e precário caminho era capaz de amedrontar mesmo o mais valente dos que quisessem atravessar. Exceto aquelas duas Cabras. Mas o orgulho de cada uma não permitia que se deixasse ficar atrás da outra.

Uma resolveu então pôr um pé no estreito tronco, e logo a outra lhe seguiu o exemplo. Pé ante pé, acabaram por se encontrar frente a frente a meio da travessia. Como nenhuma das duas mostrava disposição de ceder caminho à adversária, acabam por lutar uma com a outra e, caindo ambas no abismo, foram arrastadas pela corrente.



Fábula XCVI

Os Ratos e as Doninhas

As Doninhas e os Ratos estavam sempre em guerra uns com os outros. Em cada batalha, as Doninhas saíam sempre vitoriosas, levando consigo um grande número de Ratos, que lhes serviam de refeição para o dia seguinte.

Desesperados, os Ratos resolveram reunir-se para tratar do assunto. No decorrer da reunião chegaram à conclusão de que os Ratos eram sempre derrotados porque não tinham um líder. Escolheram por isso

um grande número de generais e comandantes entre os ratos mais eminentes.

Para se diferenciarem dos soldados comuns, os novos líderes ostentavam orgulhosamente nas cabeças ornamentos feitos de penas ou de palha. Então, depois de uma longa preparação do exército dos Ratos nas artes da guerra, enviaram um desafio às Doninhas.

As Doninhas aceitaram o desafio com entusiasmo, uma vez que estavam sempre prontas para a luta, sobretudo quando estavam de olho numa refeição. Assim, atacaram imediatamente e em grande número o exército dos Ratos. Num instante, a linha da frente dos Ratos sucumbiu ao ataque, e o resto das tropas bateu em retirada numa fuga desesperada para se abrigarem nos seus buracos.

Os soldados rasos entraram com facilidade nas suas estreitas tocas, mas os Ratos líderes não tiveram a mesma sorte, uma vez que os exagerados adereços que lhes enfeitavam as cabeças os atrapalharam. Assim, nenhum deles conseguiu escapar do ataque das esfomeadas Doninhas.



Fábula XCVII

A Raposa e o Porco-Espinho

Uma Raposa, nadando para atravessar um rio, foi surpreendida por uma forte corrente e só a muito custo conseguiu alcançar a margem oposta, onde caiu exausta e quase sem fôlego.

Pouco tempo depois, veio um enxame de moscas sugadoras de sangue e pousaram-lhe em cima. Ainda demasiado fraca para fugir, a Raposa deixou-se estar quieta.

Então aproximou-se um Porco-Espinho, que lhe disse:

— Deixa-me espantar essas moscas para longe!

— Não, não — exclamou a Raposa —, não as perturbes. Elas já sugaram tudo o que precisavam. Se as espantares, virá outro enxame faminto para me sugar o pouco sangue que me resta!



Fábula XCVIII

A Formiga e a Pomba

Uma Pomba viu uma Formiga cair num ribeiro e as tentativas vãs que ela fazia para alcançar a margem. Com pena dela, a Pomba pegou numa palha e deixou-a cair na corrente perto da Formiga. Esta subiu para a palha e conseguiu navegar em segurança até à margem.

Pouco tempo depois, a Formiga viu um homem que se preparava para matar a Pomba com uma pedrada. No momento em que ele ia atirar a pedra, a Formiga deu-lhe uma ferroadada no pé, que o fez errar o alvo e permitiu que a Pomba voasse a salvo para longe.



Fábula XCIX

A Lebre e a Tartaruga

A Lebre costumava fazer troça da Tartaruga por ela ser tão lenta.

— Tu alguma vez chegas ao teu destino? — perguntou-lhe um dia zombando dela.

— Sim — replicou a Tartaruga—, e chego mais depressa do que pensas. Vamos fazer uma corrida e provar-to-ei.

A Lebre achou graça ao desafio da Tartaruga, e, para se divertir, resolveu aceitar. A Raposa, designada como júri, estabeleceu a distância, alinhou os corredores e deu o sinal de partida.

Em breve, a Lebre ficou longe da vista, e, para demonstrar o ridículo do desafio, deitou-se para dormir uma sesta até que a Tartaruga a alcançasse.

Entretanto, lenta mas persistentemente, a Tartaruga ultrapassou o local onde a Lebre dormia profundamente e foi-se aproximando da linha de chegada. Quando acordou, a Lebre viu que a Tartaruga estava já muito perto da meta e começou a correr o mais depressa que pôde, tentando ainda ultrapassá-la, mas não conseguiu.



Fábula C

Os Viajantes e a Árvore

Dois viajantes, exaustos depois caminharem sob o escaldante sol do meio-dia, decidiram descansar à sombra de uma frondosa árvore.

Depois de se deitarem, um dos viajantes, olhando para as folhas, reconheceu que tipo de árvore era aquela e disse:

— Como é inútil esse Plátano! Não produz qualquer fruto e apenas serve para sujar o chão com as suas folhas.

— Criaturas ingratas! — disse uma voz vinda da árvore. — Estais aqui sob minha refrescante e acolhedora sombra e ainda dizeis que sou inútil? Por tanta ingratidão, ó Júpiter, receba o homem o castigo devido.



Fábula CI

O Agricultor e os seus Filhos

Um rico e idoso agricultor, que sabia não ter já muitos dias de vida pela frente, chamou os filhos à beira da cama e disse-lhes:

— Meus filhos, ouvi com atenção o que tenho para vos dizer. Não façais a partilha da quinta que por muitas gerações tem pertencido à nossa família. Algures, no campo, está enterrado um valioso tesouro. Não sei o sítio exato, mas ele está lá, e com certeza o encontrareis. Esforçai-vos na busca e não deixeis nenhum ponto do terreno por escavar.

Pouco tempo depois, o velho homem morreu, e logo que ele foi sepultado, os filhos começaram o seu trabalho de busca, cavando e revirando cada pedaço de terra da quinta com as suas pás e os seus fortes braços, dando a volta ao terreno duas ou três vezes.

Nenhum tesouro foi encontrado. Mas quando chegou o tempo da colheita e se sentaram para verem quanto tinham ganhado, descobriram que haviam lucrado mais do que todos os seus vizinhos. Perceberam então que o tesouro de que o pai lhes falara era a abundante colheita, e que com o seu esforço haviam encontrado o verdadeiro tesouro.



Fábula CII

O Pescador e o Peixinho

Um pobre Pescador, que vivia daquilo que pescava, teve a pouca sorte de, depois de passar o dia todo à pesca, não ter apanhado mais do que um pequeno Peixinho. Quando se preparava para o pôr no cesto, o Peixinho disse:

— Por favor, liberta-me, Pescador. Sou muito pequeno para me comeres agora. Se me libertares, crescerei e poderás fazer nessa altura uma refeição bem melhor comigo.

Mas o pescador pôs rapidamente o Peixinho no cesto dizendo:

— Muito tonto eu seria se te deixasse ir. Por muito pequeno que sejas, és melhor do que nada.



Fábula CIII

O Conselho dos Ratos

Os Ratos resolveram organizar um conselho para planearem uma forma de se livrarem do seu pior inimigo, o Gato. Desejavam pelo menos descobrir uma forma de saberem com antecedência quando ele estava por perto, a fim de terem tempo de fugir. Com efeito, algo teria de ser feito, pois viviam constantemente com medo das suas garras.

Muitas ideias foram apresentadas, mas nenhuma delas parecia suficientemente boa. Por fim, o Rato mais jovem levantou-se e disse:

— Tenho um plano muito simples, mas que sei que terá sucesso. Tudo o que teremos de fazer é pendurar um sininho no pescoço do Gato. Assim, ao ouvirmos o tilintar do sino, saberemos que o nosso inimigo se está a aproximar.

Todos os ratos ficaram surpreendidos por não terem pensado nisso antes. Mas contrariando o entusiasmo reinante, um velho Rato disse então:

— Meus amigos, acho que o plano do jovem Rato é realmente muito bom. Mas deixai-me fazer uma pergunta: quem entre nós prenderá o sininho no pescoço do Gato?



Fábula CIV

A Galinha dos Ovos de Ouro

Havia um Agricultor que era dono da Galinha mais extraordinária que se possa imaginar: todos os dias, a ave punha um ovo de ouro.

O Agricultor levava os ovos ao mercado e começou a enriquecer, mas não tardou que se tornasse impaciente com a Galinha, pois esta só punha um ovo por dia. Sentia que não estava a enriquecer com rapidez suficiente.

Então um dia, depois de ter acabado de contar o dinheiro, teve a ideia de que poderia obter os ovos de ouro todos de uma vez se matasse a galinha e lhos tirasse de dentro. Mas quando levou esta ideia à prática, descobriu que, por dentro, a galinha era igual a qualquer outra, e que agora já não poria mais ovos.



Fábula CV

A jovem Leiteira

Uma jovem Leiteira, que acabara de mugir o leite das vacas, voltava do campo com um balde cheio à cabeça balançando graciosamente. Enquanto caminhava, a sua linda cabecinha não parava de magiciar os planos que tinha para os dias vindouros.

Com este bom e rico leite — pensava ela — farei uma bela manteiga que venderei no mercado. Com o dinheiro comprarei uma dúzia de ovos para chocar. E como serão engraçados os pintainhos ao nascerem. Até já consigo vê-los a correr e a debicar pelo quintal. Quando chegar o mês de maio, vou vendê-los no mercado e com o dinheiro comprarei um adorável e belo vestido novo. Com ele, quando for à feira, decerto serei o centro das atenções. Todos os rapazes olharão para mim. Eles então virão e tentarão namorar comigo, mas eu imediatamente os mandarei todos à sua vida.

Enquanto ela pensava em como seria a

sua nova vida, virou a cabeça desdenhosamente para trás e sem querer deixou cair ao chão o balde com o leite. E todo leite se derramou e foi

absorvido pela terra, e, com ele, se desfez a manteiga, e os ovos, e os pintainhos, e o vestido novo, e todo o seu orgulho de leiteira.



Fábula CVI

O Avarento

Um avarento tinha enterrado o seu pote de ouro num lugar secreto do jardim. Todos os dias, ia ao local, desenterrava o pote e contava todas as moedas de ouro para ver se não faltava nenhuma. Tantas viagens fez ao local que um Ladrão, que já o observava há bastante tempo, curioso para saber o que o Avarento escondia, veio uma noite e sorrateiramente desenterrou o pote de ouro e levou-o consigo.

Quando o Avarento descobriu a sua grande perda, ficou muito aflito e desesperado. Gemia e chorava enquanto puxava os cabelos.

Alguém que passava pelo local, ao ouvir seus lamentos, quis saber o que acontecera.

— O meu ouro! O meu ouro! — chorava inconsolável o Avarento. — Alguém o me roubou o meu ouro!

— O teu ouro! E estava nesse buraco? Por que é que o puseste aí? Por que é que não o guardaste num lugar seguro dentro de casa, onde poderias mais facilmente chegar-lhe quando precisasses de comprar alguma coisa?

— Comprar! — exclamou furioso o Avarento. — Eu jamais usaria aquele ouro para comprar fosse o que fosse. Nunca pensei em gastar uma única moeda!

Então, o estranho pegou numa grande pedra e atirou com ela para dentro do buraco vazio.

— Nesse caso — disse ele —, enterra então essa pedra. Ela terá o mesmo valor que tinha para ti o tesouro que perdeste!



Fábula CVII

O Velho, o Rapaz e o Burro

Um dia, há muito, muito tempo, um velho e o filho resolveram ir mercado vender o burro que tinham. Seguiam a pé, pois achavam que venderiam melhor o burro se ele chegasse descansado ao mercado.

No caminho, cruzaram-se com alguns viajantes, que começaram a troçar deles:

— Olhem aqueles tolos, têm burro e vão a pé. O mais estúpido dos três não é quem se esperaria.

O velho não gostou que troçassem dele e disse ao filho que se montasse no burro.

Um pouco mais adiante passaram por três mercadores.

— Mas o que é que temos aqui?! — disse um deles. — Respeita os mais velhos, meu jovem. Desmonta e deixa o teu pai ir montado no burro, que já é muito velho para ir a pé.

Embora ainda não estivesse cansado, o velho mandou apear o filho e montou ele no burro.

Andaram um pouco mais até que encontraram um grupo de mulheres que também ia para o mercado com cestos de hortaliças para vender.

— Olhem para estes — disse uma delas. — A pobre criança a pé e ele todo repimpado no burro.

O velho sentiu-se um tanto ou quanto vexado, mas para se mostrar agradável pediu ao filho que montasse atrás dele no burro.

O rapaz obedeceu e continuaram a viagem com os dois montados no burro. Um pouco mais adiante, um grupo de pessoas interpelou-os com indignação:

— Mas que crime, será que quereis matar o burrinho? Pareceis mais capazes vós de carregar o burro do que o contrário.

O velho e rapaz não tardaram a desmontar, e passado um bocado, quase a chegarem ao mercado, gerou-se um enorme burburinho ao verem os dois carregando o burro atado num pau que transportavam de ombro a ombro. Juntou-se uma multidão para observar tão estranha cena.

O burro não se importava muito de ser carregado aos ombros, mas quando a multidão se aproximou e começou a rir e a troçar, ele desatou a zurrar e a escoucear, e, precisamente quando iam a atravessar uma ponte, as cordas que o prendiam soltaram-se e o burro caiu ao rio e foi arrastado pela corrente.

O pobre do velho regressou então tristemente a casa. Querendo agradar a todos, acabou por não agradar a ninguém e ainda ficou sem o burro.



Fábula CVIII

O Pastor e o Leão

Certo dia, ao contar as Ovelhas, um Pastor descobriu que lhe faltavam algumas. Muito irritado, aos gritos, cheio de altivez e arrogância, disse que iria apanhar o responsável por aquilo e puni-lo com as suas próprias mãos. Suspeitava de um Lobo que vira afastar-se em direção às montanhas, onde existiam cavernas infestadas deles. Mas, antes de ir até lá, fez uma promessa a Júpiter, dizendo que se este o ajudasse a encontrar o ladrão, lhe daria em sacrifício a mais gorda e bela das suas Ovelhas.

Após procurar em vão sem encontrar qualquer Lobo, quando passava diante de uma grande caverna na encosta da montanha, um enorme

Leão sai de lá de dentro e põe-se à sua frente, trazendo na boca uma das suas Ovelhas. Cheio de medo, o Pastor cai de joelhos e suplica aos deuses:

— Piedade, ó Júpiter, os homens não sabem o que dizem! Para encontrar o ladrão ofereci em sacrifício a mais gorda das minhas ovelhas. Agora, prometo-te o maior e mais belo touro, desde que faças com que o ladrão se vá embora para longe de mim!



Fábula CIX

O Lobo e o Leão

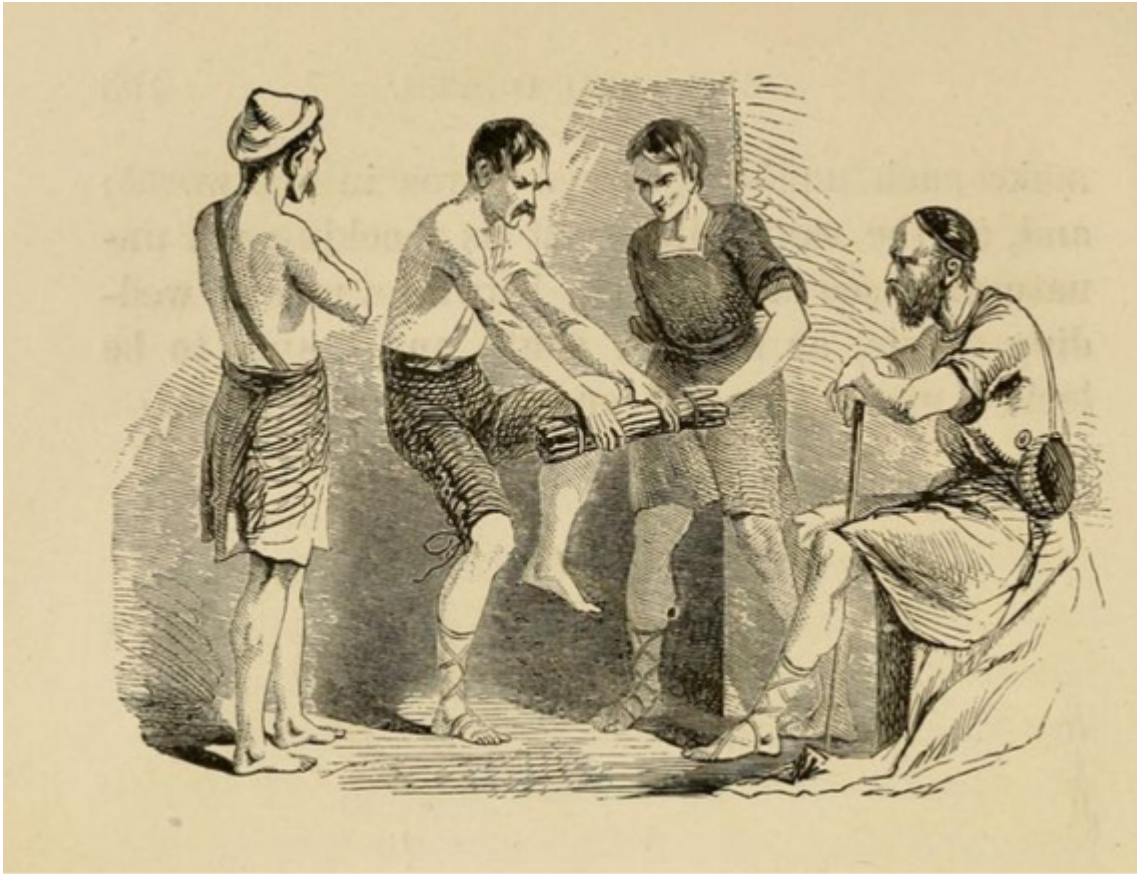
Depois de roubar uma ovelha, um Lobo levava-a nos dentes para o covil para a comer à vontade. Mas os seus planos foram por água abaixo quando se cruzou com um Leão que, sem muita conversa, lhe tirou a ovelha.

Contrariado, mas mantendo sempre uma distância segura, disse o Lobo em tom ofendido:

— Não tens o direito de te apropriares daquilo me pertence!

O Leão, que já ia longe, olhou para trás, mas, como o Lobo estava distante e não valia a pena o inconveniente de persegui-lo apenas para lhe dar uma merecida lição, disse:

— Que te pertence? Por acaso compraste a ovelha, ou terá sido o pastor que ta ofereceu? Por favor, diz-me como foi que a conseguiste?



Fábula CX

O Velho e o feixe de varas

Um homem já velho tinha muitos filhos que passavam o tempo a brigar uns com os outros. O velho pai tentava ensiná-los a evitar aquelas discussões, mas em sem resultado.

Um dia chamou-os todos e pediu que lhe trouxessem um feixe de varas. Depois ordenou a cada um dos filhos que tentassem, com toda a sua força, partir o feixe de varas. Todos experimentaram, mas por mais força que fizessem, nenhum conseguiu quebrá-lo. Por fim, o pai

desamarrou o feixe e partiu facilmente as varas, uma a uma. E disse-lhes:

— Meus filhos, por aqui podeis ver o poder da unidade. Se vos mantiverdes unidos com a força da amizade, ninguém vos vencerá. Se vos separardes, estareis perdidos.



Fábula CXI

Os Dois Viajantes e o Urso

Dois homens viajavam juntos quando, de repente, à frente deles apareceu um enorme urso. Um dos viajantes não pensou duas vezes e

apressou-se a subir para cima de uma árvore, escondendo-se entre os ramos.

O outro, sem tempo para fugir e incapaz de enfrentar aquela enorme fera sozinho, deitou-se no chão fingindo-se de morto. O Urso aproximou-se dele, cheirou-o na cabeça e no corpo, e aparentemente convencido de que o homem estava morto, foi-se embora tranquilamente.

O homem que estava em cima árvore desceu então e, em jeito de brincadeira, perguntou ao amigo:

— Pareceu que o Urso te sussurrou ao ouvido. Disse-te alguma coisa?

— Sim — respondeu o outro —, deu-me um conselho: «nunca andes na companhia de um amigo que no primeiro momento de aflição te abandona à tua sorte».



Fábula CXII

A Águia e a Gralha

Uma Águia, saindo do ninho no alto de um penhasco, num voo picado, capturou uma ovelha e levou-a presa nas garras.

Uma Gralha, que assistira a essa cena, cheia de inveja, decidiu que poderia fazer o mesmo. Voou para o alto, tomou impulso e, com grande velocidade, atirou-se sobre uma Ovelha com a intenção de também a levar pelos céus. Mas as suas garras, pequenas e fracas, acabaram por ficar embaraçadas no espesso manto de lã do animal, e isso impediu-a inclusive de se soltar, embora o tentasse com todas as suas forças.

O Pastor das ovelhas, vendo o que estava a acontecer, aproximou-se e capturou-a. Feito isso, cortou-lhe as asas para que não pudesse voar, e à noite levou-a para casa e deu-a aos filhos.

— Pai, que espécie de pássaro é este? — perguntou um deles.

— É uma Gralha, meu filho. Mas se lhe perguntares, ela dirá que é uma Águia.

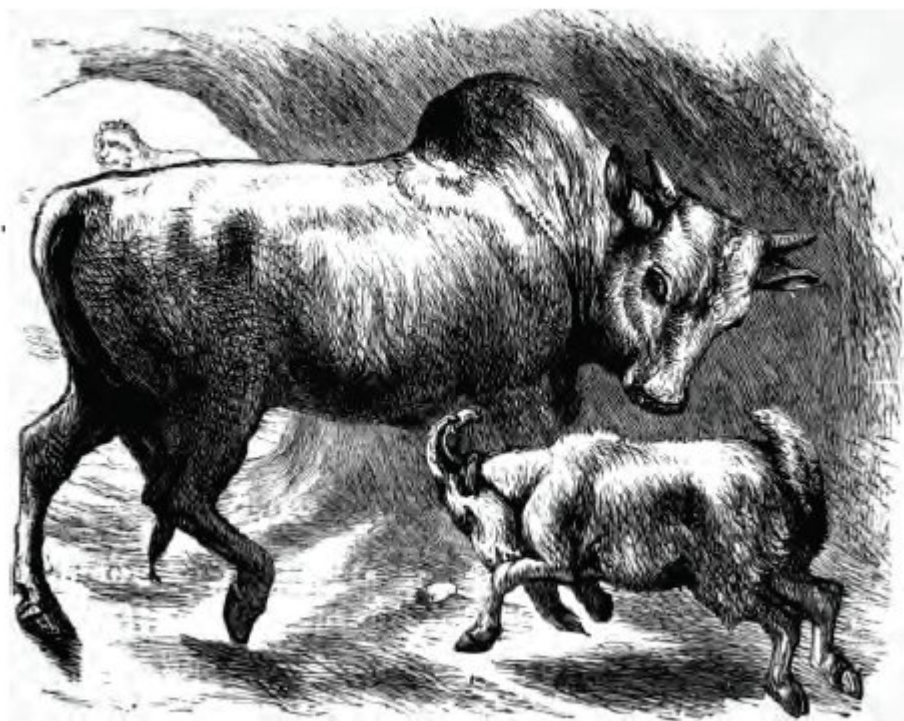


Fábula CXIII

O Lobo em Pele de Cordeiro

Certo dia, um Lobo decidiu alterar a sua aparência como estratégia para conseguir comida com fartura. Vestiu uma pele de cordeiro e acompanhou o rebanho para o pasto, enganando o pastor com o seu disfarce. Ao fim da tarde, o pastor fechou o Lobo no curral com o resto das ovelhas. Mas, por querer carne para a sua refeição do dia seguinte, à

noite o pastor regressou ao curral e, confundindo o lobo com uma ovelha, apanhou-o e matou-o.



Fábula CXIV

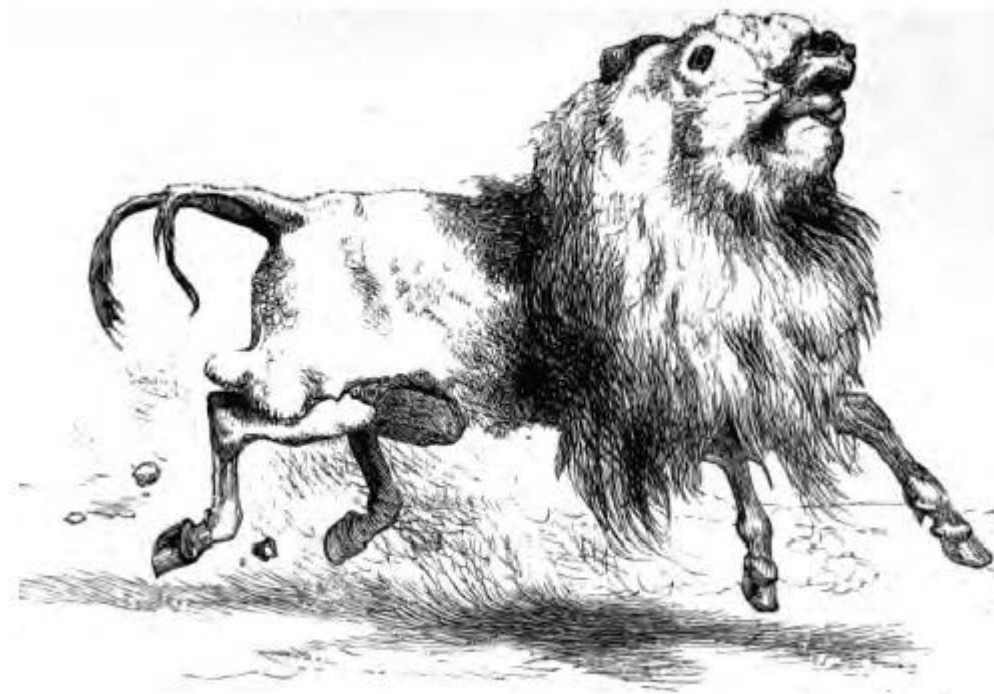
O Touro e o Bode

Um Touro, fugindo de um Leão, escondeu-se numa caverna que os Pastores costumavam usar para abrigar o rebanho.

Mal entrou, um Bode, que tinha ficado na caverna, atacou-o dando-lhe marradas com os cornos.

O Touro, em voz baixa para não atrair a atenção do Leão, disse-lhe:

— Marra à vontade. Não tenho medo de ti, mas sim do Leão. Deixa que a fera se vá embora e eu logo te mostrarei quem tem mais força, se o Bode ou o Touro.



Fábula CXV

O Burro com pele de Leão

Certo dia, um Burro encontrou uma pele de Leão e, vestindo-se com ela, percorreu a floresta assustando todos os animais que encontrou.

Por fim encontrou uma Raposa, e tentou amedrontá-la também, mas esta, logo que escutou o som da sua voz, exclamou:

— Eu provavelmente ter-me-ia assustado, se antes não te tivesse ouvido a zurrar.



A vida de Esopo

Esopo, fabulador antigo e famosíssimo, segundo a maior parte opiniões era natural da Frígia, província de Ásia. As feições do corpo eram mais monstruosas que humanas, porque além de ter o rosto feio e deformado, o corpo pequeno, a cabeça grande e desproporcionada, era torto, corcovado e sobretudo tartamudo. Mas como a natureza a cada um deu particular dote, foi Esopo dotado de tão agudo engenho, que com a grandeza dele se lhe apagaram bastantemente todas as faltas corporais.

Sendo capturado como escravo por Gregos, veio para Atenas, onde esteve ao serviço de um cidadão rico, de nome Aristes. Junto com

outros escravos, passava os dias numa horta a cavar e a adubar. Como todos o maltratassem e desprezassem, e o maioral dos trabalhadores lhe desse muitas pancadas, queixava-se Esopo, dizendo que denunciaria aqueles agravos ao seu senhor Aristes, e outros crimes que no maioral tinha notado. Este, com medo, adiantou-se-lhe e persuadiu Aristes que, para sossego dos seus escravos, tirasse Esopo de entre eles e o vendesse.

Aristes assim fez e vendeu-o a um mercador forasteiro, que ali mesmo residia, o qual o levou para uma casa onde tinha muitos outros escravos, que, quando o viram, tiveram asco de andar em sua companhia. Um dizia que aquele escravo era bom para fazer calar meninos, outros que para servir em casa de homem ciumento, e muitas outras coisas deste género.

Por acaso mandaram em presente ao mercador um prato de belos figos, que ele estimou por serem fora de tempo, e mandou-os pôr a bom recado, para comer no princípio do jantar.

Três escravos, tentados pela gula, conjuraram-se para comerem os figos e porem a culpa a Esopo, crendo que este, acusado por três testemunhas, não poderia defender-se. Assim os comeram com muita festa, zombando do pobre inocente, que com açoites os havia de pagar. Chegada a hora de comer, o Senhor pediu os figos, e foi-lhe respondido (como tinham concertado) que Esopo os comera todos. Indignou-se o Senhor, e chamando-o disse-lhe:

— Animal feio e bruto, que atrevimento foi o teu em comeres os figos que mandei guardar para mim?

E com isto mandou-o despir para ser açoitado. O pobre Esopo, não sabendo o que fazer, porque a língua não o deixava desculpar-se e a cólera do Senhor não dava tréguas nem espaço, agarrou numa panela de água, que por acaso estava ao fogo, e bebendo grande quantidade dela muito quente, meteu os dedos na boca, com que revolveu o

estômago e a tornou a lançar clara, mostrando estar em jejum, com o qual feito desmascarou os seus acusadores.

Maravilhado o Senhor com esta ação, e vendo a sua inocência, obrigou os outros a que fizessem o mesmo, e como se cumprisse, os que comeram figos os vomitaram com a água juntamente, e foram por isso e pelo falso testemunho castigados.

Convinha ao mercador partir dali a três jornadas, onde havia de embarcar para a ilha de Samos, e faltando-lhe bestas de carga, foi obrigado a repartir o fardo pelos escravos. Mas como Esopo era pequeno e fraco, deu-lhe a escolher a carga que se atrevesse a levar. O mais pesado de todos os fardos era uma canastra grande cheia de mantimentos, a qual ele escolheu, rindo-se todos e cuidando que não poderia levá-la. Puseram-se a caminho e como no fim da primeira jornada comessem, aliviaram um pedaço a canastra, com o que ficou igual à carga dos outros; mas no segundo dia despejaram-na de todo, e levando-a vazia, conheceram todos o seu erro e a manha discreta com que Esopo escolheu a carga.

Embarcou o mercador e chegou a Samos, onde pôs a sua fazenda à venda e os escravos juntamente. Estavam num alpendre, onde a feira se fazia, Esopo com dois companheiros, e ninguém fazia caso dele para o comprar, embora muitos o olhassem por troça. Chegou um cidadão e perguntou a um dos companheiros o que sabia fazer para o comprar. Respondeu-lhe:

— Senhor, tenho muitas artes, sei tratar bem de cavalos e servir em tudo o que é de casa, sou grande hortelão e bom lavrador, e em tudo que é do campo ninguém me levará vantagem; também sou bom ferrador, alveitar e entendo de ferreiro.

Com isto chegou a outro, e perguntou-lhe o mesmo, ao que ele respondeu:

— Eu, Senhor, sou destro em todas as coisas necessárias, e nenhuma me mandarão fazer a que não dê bom expediente.

Correndo mais adiante, perguntou a Esopo que o sabia ele. Respondeu:

— Eu nada sei, porque como os meus parceiros ficaram com o saber de tudo, não me ficou que saber a mim.

Disto riram muito todos os presentes, e um Filósofo, de nome Xanto, que ali passeava, comprou-o e levou-o para sua casa.

Um dia em que, com o seu novo escravo, Xanto foi passear por uma horta, o hortelão fez-lhe esta pergunta:

— Dizei-me, Senhor, que razão há para que cresçam e estejam sempre viçosas as ervas, que esta terra cria, e as que eu semeio, cavo, rego e adubo, murchem mais depressa e frutifiquem menos.

Ficou atrapalhado o Filósofo e não soube responder; vendo isto, Esopo disse-lhe de parte que ele sabia a pergunta, portanto que o encarregasse de dar a resposta; então o Filósofo disse ao hortelão:

— Essa não é dúvida para se pôr a um homem como eu. Este escravo que aqui vês responderá a ela — e logo lhe mandou que respondesse.

— A razão da dúvida — disse Esopo — é esta: as ervas que a terra voluntariamente produz são suas filhas, e como tais as cria e conserva; as que vós semeais são enteadas, que a madrasta nunca com tanto gosto as alimenta; portanto não é de espantar, se nos próprios filhos se enxerga vantagem no mimo e criação diferente dos enteados.

Satisfez-se o hortelão, e espantou-se o Filósofo com o engenho e agudeza do criado.

Xanto tinha muitos discípulos, homens graves, e costumavam oferecer banquetes uns aos outros. Quis Xanto dar-lhes um banquete, e porque tinha mulher áspera e pouco afeiçãoada a obedecer-lhe, nem gostava de receber hóspedes, depois de comprar o necessário, encarregou Esopo de preparar a casa e a mesa. Acontece que chegando a hora da ceia começou ele a preparar o espaço, e, com muita limpeza, ordenou a

mesa e pôs nela algumas coisas, antes que os convidados e o seu amo viessem. Era tempo frio, e havia na casa um braseiro grande com fogo, do qual a mulher se acercou para se aquecer, carrancuda, e encostou-se a ele, de costas para a mesa. Esopo pediu-lhe que olhasse para a mesa, não lha descompusesse algum cão ou gato; ela disse que o faria; segunda vez lhe rogou o mesmo e que virasse o rosto para ver; ao que ela indignada respondeu que não fosse importuno, que também tinha olhos atrás. Calou-se Esopo, foi-se, e regressando dali a um pedaço, como a encontrasse a dormir, pôs mansamente a descoberto o lugar onde ela disse que os olhos estavam. Não tardou muito Xanto com os seus hóspedes, que entrando no aposento viram muito bem quanto mal composta a mulher estava. Ficou afrontado o Filósofo, e perguntando a causa a Esopo, ele contou-lhe o que se passara, de que se indignou mais; e acordada a senhora, foi-se embora muito envergonhada e com grande ódio contra Esopo.

Seguidamente agasalhou Xanto os seus discípulos, e logo propôs expulsar de casa Esopo; mas sendo convidado deles outra vez, e ceando largamente, como se esquentasse com o vinho mais do que o necessário, começou a falar demasias, e entre elas afirmou que beberia o mar todo. Contradisseram-no os discípulos, e ele porfiou, até que apostaram grande soma de dinheiro, e Xanto deu como sinal o seu anel. No dia seguinte, resfriado já do furor, deu por falta do anel e perguntou por ele. Respondeu Esopo:

— Senhor, não vos lembrais que o destes ontem de sinal sobre a aposta que fizestes de beberdes o mar todo?

— Como é possível — disse Xanto — que eu fizesse tal proposta, quem pode beber o mar?

— Isso não sei — disse Esopo —, mas vós apostastes.

Ficou Xanto confuso com a aposta que fizera, sem lhe poder achar saída, até que Esopo, vendo-o tão triste, lhe disse:

— Senhor, não vos agasteis, descansai que eu vos tirarei dessa afronta e farei com que ganheis o dinheiro.

Alegrou-se com isto Xanto, e vindo o dia combinado, vieram os discípulos dizer-lhe que cumprisse o que prometera, ou dando-se por vencido pagasse o dinheiro. Xanto respondeu que estava contente, e informado pelo seu escravo do que havia de fazer, foi com eles à beira do mar, onde pusera a mesa e copos, estando à volta toda a gente da Ilha, que se chegou para ver maravilha tamanha, como era querer um homem recolher o mar no seu estômago. Pronto tudo o necessário, começou Xanto a falar ao povo, dizendo:

— Varões de Samos, eu apostei com estes discípulos que havia hoje de beber este mar todo; respondam eles se é verdade, e se bebendo-o eu, cumprirei o prometido e eles se darão por vencidos?

Todos responderam que sim. Disse então Xanto:

— Pois que assim é, e eu fiquei de beber o mar, prestes estou a cumpri-lo; mas eles hão de fechar primeiro todos os rios que no mar entram e entupir-lhes as bocas, porque eu me obriguei a beber o mar, mas não a multidão de rios que entram nele; portanto, se querem que eu cumpra o que fiquei de fazer, é forçoso que eles primeiro impeçam a corrente de quantos rios fazem para aqui o seu curso.

Não souberam os discípulos responder a isto, e o povo louvou muito a resposta do Filósofo, e todos o consideraram livre da aposta, e regressou a casa mais reconhecido que antes.

Outros muitos casos sucederam a Esopo com Xanto, que deixo por brevidade, até que veio a ser livre e a governar Samos, onde compôs em língua grega este volume de Fábulas.

Depois, como o rei Creso da Lídia quisesse conquistar Samos, por seu conselho e astúcia se defenderam os vizinhos muito tempo; porém vendo-se muito apertados, e que Creso oferecia a paz se lhe entregassem Esopo, deram-lho, ainda que Creso não cumprisse depois

a palavra, como Esopo antes tinha adivinhado, e logo os pôs em sujeição.

Não quis Creso matar Esopo, antes o tinha em sua casa favorecido, porque se valia muitas vezes do seu conselho e habilidade.

Viveu Esopo na Lídia muito favorecido, e depois correu toda a Grécia, onde lhe sucederam vários casos que aqui se não contam. Mas em todas as partes, por sua fama e sabedoria o veneraram, só em Delfos não usaram com ele esta cortesia e primor. E sabendo ter errado, para que ele não os afrontasse infamando-os e divulgando na Grécia a sua descortesia, decidiram matá-lo, e, acrescentando um mal a outro, levantaram-lhe certo falso testemunho pelo qual o condenaram a ser despenhado. E com muita brevidade, sem lhe valer alegar a sua inocência, foi posto sobre o cume de uma alta rocha e lançado dali chegou a baixo em mil pedaços. Todas as Cidades gregas sentiram muito a sua morte e pouco tardou que Delfos fosse destruída em vingança, segundo dizem, desta injustiça e traição.



Créditos das imagens:

Francis Barlow, 1687 – Fábula 36

Harrison Weir, 1867 – Fábulas 7, 33, 35, 55, 67, 73, 94, 104, 114

Herrick, 1865 – Fábulas 1, 3, 5, 9, 15, 16, 17, 22, 27, 28, 29, 30, 34, 38, 41, 42, 45, 50, 52, 53, 56, 58, 63, 68, 78, 89, 93, 102, 110, 112 e imagem da capa.

JJ Grandville, 1838 – Fábulas 12 e 98

Milo Winter, 1919 – Fábulas 2, 6, 20, 48, 49, 59, 95, 96, 99, 100, 101, 103, 105, 107, 109

Osius, 1574 – Fábulas 8, 10, 13, 14, 18, 24, 43, 44, 46, 57, 60, 61, 62, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 79

Randolph Caldecott, 1883 – Fábula 92

Richard Heighway, 1894 – Fábulas 11, 25, 26, 32, 37, 75, 106, 113 e imagem de «A Vida de Esopo»

Samuel Croxall, 1863 – Fábulas 80, 108

Steinhowel 1479 - Fábula 4

Wenzel Hollar séc. XVII – Fábulas 19, 21, 23, 39, 40, 47, 51, 54, 81, 97, 111